



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

EDINALVA CARDOSO E CARDOSO

**A INTERFACE PROSÓDIA/PRAGMÁTICA NAS EXPRESSÕES FACIAIS DAS
EMOÇÕES DOS SURDOS**

ABAETETUBA/PA

2018

EDINALVA CARDOSO E CARDOSO

**A INTERFACE PROSÓDIA/PRAGMÁTICA NAS EXPRESSÕES FACIAIS DAS
EMOÇÕES DOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Faculdade de Ciência da Linguagem, para a obtenção do título de graduada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francisca Maria Carvalho

ABAETETUBA/ PA

2018

EDINALVA CARDOSO E CARDOSO

**A INTERFACE PROSÓDIA/PRAGMÁTICA NAS EXPRESSÕES FACIAIS DAS
EMOÇÕES DOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Faculdade de Ciência da Linguagem, para a obtenção do título de graduada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francisca Maria Carvalho.

Abaetetuba, ____ de _____ de __.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francisca Maria Carvalho
Presidente da Banca

Prof. Me. Lucival Rodrigues Da Silva (ILC/UFPA)

Prof.^a. Ma. Rejane Santos Nonato (Abaetetuba/UFPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem sua bênção divina, nada seria.

Agradeço aos meus amados pais, Orinaldo Bitencourt Cardoso e Maria Odilene Cardoso e Cardoso, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando e incentivando o meu desenvolvimento profissional.

Agradeço também à Prof.^a Dr.^a Francisca Maria Carvalho que com seu profissionalismo e dedicação contribuiu imensamente para a realização deste trabalho.

Aos meus irmãos e meu futuro esposo que sempre torceram por mim;

Aos participantes surdos desta pesquisa;

Aos colegas de turma de Letras 2014, em especial à Ana Cristina Pontes Rodrigues que esteve sempre comigo, como amiga e parceria na realização deste trabalho.

Todos os que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Tivemos como objetivo principal compreender as expressões faciais das emoções básicas dos surdos, ponderando a interface prosódia/pragmática. Particularmente, identificamos a prosódia visual das seis (6) emoções básicas (alegria, medo, nojo, espanto, raiva e tristeza). Além disso, verificamos o aspecto prosódico da expressividade da emoção na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Pressupomos que os indivíduos surdos encontrariam barreiras para expressarem as emoções básicas, devido estarem imersos em ambiente ouvinte. Tomamos como base a prosódia das expressões faciais das emoções nos contextos comunicativos tratados por Correia (2014); Queiroz (2011); Bodolay (2009) e a Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle (1981). Participaram deste estudo 03 (três) surdos bilíngues em Libras/Português, estudantes do ensino médio, matriculados na rede pública de ensino do município de Abaetetuba/PA, com idade entre 18 a 24 anos. Durante quatro semanas, os participantes produziram em Libras 4 tarefas na seguinte ordem: a) produção textual em Libras de fábulas; b) produção em português e exposição em Libras de frases espontâneas; c) leitura e apresentação em Libras dos contos “Se um gato for” (Cipis, 2009); “Com certeza muitas dúvidas” (Silva et al, 2004); “O menino monossilábico” (Goltcher, 2006); d) produção em português e exposição em Libras de carta. Com objetivo de que verificássemos a realização das expressões prosódicas faciais (raiva, alegria, tristeza, medo, nojo e surpresa). Gravamos e descrevemos as expressões prosódicas faciais dos participantes surdos produzidas durante as tarefas mencionadas acima, para isso utilizamos o sistema FACS (*Facial Affect Coding System*), desenvolvido por Ekman, Friesen, e José C. Hager em 2002. Os surdos realizaram cinco (5) expressões faciais básicas da emoção: alegria, tristeza, raiva, medo e espanto, numa proporção de R- 5, T-2 e M- 2, de acordo com os contextos de interação, em que na exposição das tarefas haviam situações emocionais condizentes às expressões prosódicas. Adicionalmente, não produziram a prosódia da expressividade da emoção nojo. Notamos que a junção do contexto (pragmática) e prosódia (expressões faciais) são essenciais para o bom desenvolvimento dos enunciados comunicativos e que contribuem para compreender fenômenos linguísticos nas Línguas de sinais, no caso em Libras.

Palavras-chave: prosódia e pragmática; prosódia da expressividade facial da emoção; surdez; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

We had as main objective to understand the facial expressions of basic emotions of the deaf, pondering the interface prosody/pragmatic. Particularly, we identified the visual prosody of six (6) basic emotions (happiness, fear, disgust, surprise, anger and sadness). In addition, we observed the prosodic aspect of expressiveness of emotion in Brazilian Sign Language (Libras). We assume that deaf individuals would find barriers to expressing basic emotions because they are immersed in listening environment. We take as a basis the prosody of the facial expressions of the emotions in the communicative contexts treated by Correia (2014); Page 2 Bodolay (2009) and Theory of the Acts of Speech of Austin and Searle (1981). Three (3) bilingual deaf people in Libras / Português, high school students, enrolled in the public school system of the city of Abaetetuba / PA, aged between 18 and 24, participated in this study. For four weeks, the participants produced in Pounds 4 tasks in the following order: a) textual production in Pounds of fables; b) production in Portuguese and exposition in Pounds of spontaneous phrases; c) reading and presentation in Pounds of the short stories "If a cat is" (Cipis, 2009); "Certainly many doubts" (Silva et al, 2004); "The monosyllabic boy" (Goltcher, 2006); d) production in Portuguese and exposition in Pounds Sterling. In order to verify the realization of facial expressions prosodic (anger, joy, sadness, fear, disgust and surprise). We used the FACS (Facial Affect Coding System) developed by Ekman, Friesen, and José C. Hager in 2002. The deaf held five (5) basic facial expressions of emotion: joy, sadness, anger, fear and amazement, at a ratio of R- 5, T-2 and M- 2, in accordance with the contexts of interaction, in which the explanatory of the tasks had emotional situations commensurate to prosodic expressions. In addition, have not yielded the prosody of the expressiveness of the emotion disgust. We noticed that the junction of the context (pragmatic) and prosody (facial expressions) are essential for the proper development of communicative and which contribute to understand linguistic phenomena in the language of signs, in the case in Libras.

Keywords: prosody and pragmatics; prosody of facial expression of emotion; deafness; Brazilian Sign Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Expressões faciais da ISL para perguntas sim/não e para informação compartilhada	9
Quadro 1 - Descrição textual das características das expressões básicas	17
Figura 02 - Fotografias das expressões prosódicas básicas utilizadas por Ekman	17
Figura 03 - Expressões faciais gramaticais - expressão do substantivo “casa”	21
Foto 1 - Alegria surdo R	29
Foto 2 - Alegria surdo T	29
Foto 3 - Alegria surdo M	29
Foto 4 - Tristeza surdo R	32
Foto 5 - Tristeza surdo T	32
Foto 6 - Espanto surdo M	34
Foto 7 - Espanto surdo R	34
Foto 8 - Medo surdo R	35
Foto 9 - Raiva surdo R	36
Quadro 2 - Resultado geral	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO	10
1 SURDEZ E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	10
2 A PROSÓDIA E A TEORIA DOS ATOS DE FALA	12
2.1 A PROSÓDIA DA EXPRESSÃO FACIAL DA EMOÇÃO	15
3 A PROSÓDIA E A PRAGMÁTICA NA LIBRAS	19
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA	24
2.1 PARTICIPANTES	24
2.2 MATERIAL	25
2.3 TAREFA DOS PARTICIPANTES	25
2.4 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DOS DADOS	27
CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXO	46
ANEXO A: SOLICITAÇÃO DE APOIO DA ESCOLA	46
ANEXO B: RECRUTAMENTO	47
ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	48
ANEXO D: QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL DOS PARTICIPANTES	50
ANEXO E: FÁBULAS INTERPRETADAS PELOS PARTICIPANTES	51

INTRODUÇÃO

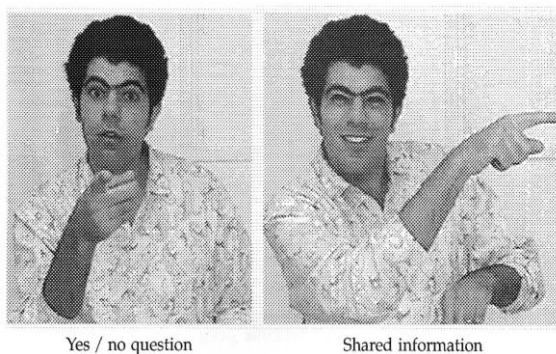
A participação como voluntária no Projeto de Extensão Navega/Saber de título “Leitura Silenciosa do Português Escrito para Surdo”, realizado no período de agosto de 2016 a julho de 2017, no Campus de Abaetetuba, coordenado pela Prof.^a Francisca Maria Carvalho, fora muito enriquecedora para a vida acadêmica, pois conhecer e estudar a respeito das questões sociais relacionadas a essa comunidade, despertou o interesse pelas investigações acerca dos fatos linguísticos vinculados a linguagem dos surdos, bem como do anseio em trazer contribuições para Libras. Dada a importância do projeto, vale ressaltar, que a partir dele tivemos a oportunidade de coletar dados, os quais serviram de análise para este estudo.

Vários estudiosos afirmam que ainda há poucas evidências de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento linguístico do indivíduo surdo, especialmente no que concerne à prosódia, um aspecto linguístico de suma importância para o desenvolvimento da linguagem, que está intimamente ligado à interação (expressões prosódicas faciais). Faria e Assis (2011) salientam a respeito da insuficiência de estudos relacionados à prosódia das línguas de sinais e de que não há estudos detalhados de como se explicam as marcas prosódicas nessas línguas. Dessa forma, argumentam que a prosódia: *“se torna um campo de estudos profícuo nas línguas de sinais, podendo contribuir, de forma mais abrangente, para os estudos linguísticos de modo geral...”*. (FARIA E ASSIS, 2011 *apud* CARVALHO, 2016, p. 41).

Nesse sentido, ciente que a prosódia no uso e contexto comunicativo é importante para verificar as várias expressões dos surdos nas línguas de sinais, interessa-nos realizar uma investigação mais sucinta quanto aos mecanismos prosódicos utilizados pelos surdos na expressão prosódica facial de emoções em contextos sociais.

De acordo com Quadros *et al* (2009), as línguas de sinais têm uma prosódia similar às línguas orais, já que enquanto essas últimas usam o aumento e a queda do *pitch* (tom) da voz, volume e pausa para obter efeitos prosódicos, as primeiras aplicam expressões faciais, posturas corporais e rítmicas com forma e função similares. Por exemplo, a Língua de Sinais Israelense (ISL) utiliza uma expressão facial diferente para perguntas que sugerem sim/não e outra para informações já partilhadas entre os interlocutores. Podemos notar isso, na ilustração da Figura 01 abaixo:

Figura 01- Expressões faciais da ISL para perguntas sim/não e para informação compartilhada.



FONTE: imagem retirada de Sandler e Lillo-Martin, 2000 *apud* Ronice *et al*, 2009.

Para Wilson e Wharton (2006) citados por Bodolay (2009) a interpretação do enunciado não depende somente de fatores linguísticos, mas de uma interação entre os elementos contextuais. Diante disso, queríamos saber como ocorre o processamento prosódico visual das emoções básicas dos surdos em interações sociais comunicativas. Pressupomos que os indivíduos surdos encontrariam barreiras para expressarem as emoções básicas, devido a imersão em ambiente ouvinte. Tivemos como objetivo principal, compreender as expressões prosódicas faciais das emoções básicas dos surdos, ponderando a interface prosódica/pragmática, particularmente, a identificação da prosódia visual das seis emoções básicas (alegria, medo, nojo, espanto, raiva e tristeza). Além disso, a verificação do aspecto prosódico da expressividade da emoção na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Este estudo está organizado em quatro capítulos, a saber:

Capítulo 1: Aporte teórico, dividido em três tópicos; 1 Surdez e linguagem: essa seção, de maneira geral, situa o leitor sobre meio de comunicação dos surdos; 2 A Prosódia e a Teoria dos Atos de Fala: o tópico trata sobre conceitos e investigações recentes que envolvem a prosódia e a referida Teoria. 3 A Prosódia e Pragmática na Libras, nesse último tópico teórico, inicialmente abordamos a relação existente entre Prosódia e Pragmática na Libras, bem como tratamos de análises já realizadas em torno da Libras, o nível pragmático e prosódico da língua nos atos comunicativos de seus usuários.

Capítulo 2: Metodologia da pesquisa: descrevemos os procedimentos da pesquisa. Posteriormente.

Capítulo 3: apresentamos os resultados e discussões.

Capítulo 4: demonstramos as considerações finais, apontando discussões e reflexões no que diz respeito à pesquisa realizada.

CAPÍTULO 1: APORTE TEÓRICO

1 SURDEZ E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

De acordo com BRASIL/MEC (2006), na concepção dos médicos, a surdez é diagnosticada por meio da história do paciente, exames de ouvido (exame indispensável para o diagnóstico é a audiometria) e testes com instrumento especializado. Nesse sentido, quando uma criança nasce ou adquire a surdez (Surdez Neurosensorial) não consegue as informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, isso a impede de adquirir a língua oral. No início é comum essas pessoas utilizarem uma linguagem gestual para haver a comunicação, porém para que possam ter pleno desenvolvimento linguístico, é necessário o contato com sua língua natural, a Língua de Sinais.

Desde o início, os ouvintes desenvolvem formas de comunicação, do mesmo modo, os surdos adotam meios para a realização da interação. Diferente de todos os idiomas que são orais e auditivos, o processo comunicativo dos surdos é realizado através de movimentos gestuais e expressões faciais, os quais são desenvolvidos por meio da visão ou de outros sentidos (o tato, no caso de quem possui surdo-cegueira). Todavia, esses sujeitos possuem uma língua natural, oficializada após anos de luta. Por meio da Carta Magna¹ foi amparada a criação de políticas públicas para surdos. No entanto, apesar da garantia prevista em Lei, esses indivíduos tiveram que enfrentar uma longa trajetória pelo reconhecimento e oficialização de uma língua que agregasse além deles, também os ouvintes.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é o canal de comunicação natural usada pela maioria dos surdos no Brasil para interagir com pessoas surdas e ouvintes. Seu reconhecimento como primeira língua da comunidade de surdos, só foi legalizada em 24 de abril de 2002 através da Lei nº 10.436 e do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Compreende-se, assim, por Libras a: “[...] *forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.* (BRASIL, Lei nº 10.436, 2002)”. Esse reconhecimento como língua oficial possibilitou aos surdos o desenvolvimento de uma cultura própria e, conseqüentemente a formação de suas identidades. Posto isso, é importante que no início quando diagnosticada a surdez, os pais e demais familiares se comuniquem com essas crianças através das Libras,

¹ O artigo 208 dispõe sobre o “*atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino*” (BRASIL, 1988).

para que além de manter uma comunicação, possibilite a interação com o meio familiar e social.

De acordo com Quadros *et al* (2011), no que diz respeito a aquisição da Língua de Sinais, as investigações apontam que as crianças surdas, filhos de pais surdos, adquirem as regras de sua gramática de forma muito parecida às crianças que usam a língua falada. Para os autores, a “*constituição da gramática da criança independe das variações das línguas e das modalidades em que as línguas se apresentam*” (QUADROS *et al*, 2011, p. 4). A fim de sustentar isso, citam Chomsky (1995 *apud* QUADROS *et al*, 2011), o qual postula o fato de que independente de ser uma língua ou outra, a faculdade da linguagem é algo comum entre os seres humanos:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas. (CHOMSKY, 1995 a:434 *apud* QUADROS *et al*, 2011, p. 4)

Quanto à importância dessa aquisição pela criança, Silva (2010) menciona Ferreira-Brito (1993), que relaciona tal importância ao processo de aprendizagem:

[...] e) para atingir um nível profundo de comunicação com os interlocutores, os surdos, assim como os ouvintes, terão primeiro que chegar a um domínio pleno de uma língua em todos os seus níveis linguísticos, incluindo-se o pragmático com as estratégias interacionais, que vão além do significado literal, e mesmo conotativo, das palavras ou frases; f) para se chegar às complexidades e sutilezas de uma interação linguística, uma Língua de Sinais seria o meio mais indicado por não apresentar bloqueio de ordem alguma no canal transmissor das estratégias. De posse de tais estratégias peculiares à Língua de Sinais, os surdos mais facilmente perceberão aquelas de uma outra língua, mesmo que esta seja de modalidade oral auditiva; g) o aprendizado de uma Língua de Sinais servirá de suporte linguístico para a percepção da estrutura linguística de uma língua oral. Portanto, uma Língua de Sinais, ao invés de se constituir um empecilho para a integração social do surdo, é um impulso para isso (FERREIRA-BRITO, 1993, p. 59 *apud* SILVA, 2010).

Conforme Silva (2010), as pesquisas sobre as línguas de sinais contribuíram e propiciaram uma importante percepção do papel dessas línguas para o desenvolvimento da pessoa surda nos mais diversos aspectos, o principal deles é a interação sociocomunicativa entre os surdos. Além disso, reitera que os estudos desse sistema linguístico no sentido das investigações linguísticas apresentam evidências de que as línguas de sinais compreendem as

mesmas restrições que são aplicadas às línguas faladas, já que também é um sistema linguístico.

No item 2 a seguir, foi feita uma abordagem sobre o conceito de Prosódia e investigações de autores que trataram da prosódia e atos de fala. Além disso, o item compõe o tópico: 1.2.1 A prosódia da expressão facial da emoção, no qual fizemos um breve panorama sobre o conceito de emoção e a relevância das expressões prosódicas faciais das emoções da Libras nas interações sociais dos surdos.

2 A PROSÓDIA E A TEORIA DOS ATOS DE FALA

A prosódia é parte integrante e importante da comunicação humana, uma vez que, as diferentes configurações dos elementos que a compõe (entonação, pausa, organização temporal dentre outros) contribuem para expressão e distinção de atitudes dentro do sistema que é a linguagem humana. Esses recursos fundamentais são resultados do processo cognitivo pelo qual o indivíduo processa inúmeras informações no dia a dia e, por meio da língua é capaz de expressar as mais diversas formas de sentimentos, crenças, desejos, temores, esperanças e atitudes. Dessa forma, a contribuição da prosódia está vinculada às informações de natureza semântica, sintática e pragmática, que servem também de pistas à suposição e à interpretação da forma como o locutor expressa esta ou aquela atitude em determinada situação (QUEIROZ, 2011).

Barbosa e Madureira (2015) *apud* Lima e Constantini (2017) afirmam que a prosódia apresenta um importante papel na coordenação dos gestos articulatórios ao longo do enunciado, uma vez que, molda a enunciação e, imprime “ao que se fala” um “modo de falar”, podendo ser dirigido intencionalmente ou não ao ouvinte. Destarte, segundo Lima e Constantini (*idem*), o estudo da prosódia pode ser dividido em estudos de produção e de percepção. No que diz respeito aos aspectos de produção da prosódia, três parâmetros fonético-acústicos são tradicionalmente estudados: duração, variação da frequência fundamental e variação da intensidade. Tais parâmetros fazem a intermediação entre a forma e o conteúdo do discurso.

Para Bodolay (2009):

“...nas mais diversas situações de comunicação, nas quais se realizam os atos de fala, é possível verificar que uma mesma sequência segmental pode ser proferida de diversas maneiras diferentes, tornando-se, assim, um novo enunciado. Não necessariamente em função das palavras ou mesmo da sintaxe escolhida pelo falante, mas, sobretudo, por causa de fatores prosódicos que interagem nesses

enunciados. Tais fatores não somente interferem na construção do sentido a partir do item lexical, como também podem expressar outros tipos de relações não determinadas no nível linguístico, mas que, através dele, podem ser compreendidas.” (BODOLAY, 2009, p. 84)

Nesse viés, para interpretar determinado enunciado a prosódia passa a ser um ponto relevante na análise Linguística das situações cotidianas. (HIRST, 2005; WICHMANN, 2005). Ela consiste num dos fatores que efetivamente contribui para a construção do sentido pelos interlocutores. Para entendermos melhor isso, nos remetemos à Teoria dos Atos de Fala² (doravante TAF). Austin e Searle (1981) chamam a atenção para os limites de uma abordagem que considere o fato de que as frases produzidas em uma língua qualquer sejam formas de representação da realidade e que possam ser avaliadas simplesmente como verdadeiras ou falsas. Além disso, mostram que um grande número de frases produzidas usualmente pelos falantes não fazem representações do mundo, mas são formas pelas quais tais sujeitos realizam determinadas ações. Por exemplo, uma afirmação como (1) a seguir, é uma forma de representação de um determinado mundo (seja real ou não) sendo considerada verdadeira se corresponder ao que acontece neste mundo:

(1) O gato subiu no telhado.

Uma frase como essa, acima, contém a representação de elementos do mundo. Há seres (gato, telhado) e um desses (o gato) executa uma determinada ação (subir) que afeta o outro ser (o telhado). O falante que enuncia essa sentença representa linguisticamente um evento (o gato subiu no telhado), cuja frase será verdadeira se o gato tiver efetivamente subido no telhado no mundo representado, caso contrário, será falsa. Todavia, nas interações correntes entre os falantes, há vários tipos de proposições que não se restringem a uma representação de situações do mundo, como podemos notar nos seguintes enunciados:

(2) Pedro continua solteiro.

(3) Pedro continua solteiro?

(4) Pedro, continue solteiro!

² A teoria foi proposta pelos filósofos britânicos Austin e Searle em 1981. De acordo com os autores, os enunciados produzidos pelos falantes podem ser divididos em dois grupos, há aqueles que são utilizados como forma de representação de alguma coisa do mundo, seja esse mundo real ou fictício e os enunciados que não têm esse caráter de representação, não são nem falsos nem verdadeiros, trata-se dos que se caracterizam por serem formas de realização de ações realizadas pela fala: cumprimentar, despedir-se, prometer, pedir, mandar, advertir, desculpar-se, entre outros processos.

(5) Tomara que Pedro continue solteiro.

Se considerarmos que um falante use esses enunciados em contextos apropriados, podemos observar que há diferenças entre o tipo de ação que ele realiza em cada caso. Na frase (2), há uma asserção, uma afirmação sobre determinado estado de coisas, análoga ao exemplo (1) comentado acima. Já ao enunciar a frase (3), esse sujeito não faz uma afirmação (verdadeira ou falsa) sobre a realidade, formula uma pergunta. Ao proferir a frase (4), o falante realiza um pedido, dá uma ordem, uma sugestão e na frase (5) manifesta uma vontade. Esses exemplos simples mostram que ao falar, os indivíduos executam atos e enunciados expressivos diversos chamados por Austin e Searle de atos ilocucionários, os mesmos exemplos seriam representativos de alguns destes atos: afirmar, perguntar, pedir, manifestar um desejo.

Segundo Queiroz (2011), a teoria exposta acima, tem sido explorada buscando associar a forma lógica dos atos ilocucionários à prosódia, o que tem proporcionado propostas interessantes no sentido de definir a atitude do locutor. Sobre esse enfoque, Moraes *et al* (2010), buscou distinguir duas categorias cognitivas de atitudes: as que interferem no conteúdo proposicional do enunciado (atitudes proposicionais), tais como ironia, surpresa, dúvida, dentre outras, e por outro lado, as chamadas atitudes sociais, as quais fazem referência às relações interpessoais estabelecidas entre o locutor e seus interlocutores, a exemplo da polidez, arrogância, irritação. Moraes *et al* (2010), ainda proporcionaram uma reflexão sobre aspectos relacionados à enunciação, como à posição social dos interlocutores e fatores que possam interferir no conteúdo proposicional. (MORAES, 2010 *apud* QUEIROZ, 2011).

Conforme a pesquisa citada, a articulação entre prosódia e a Teoria dos Atos de Fala propiciou incluir aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, relacionados de alguma maneira às informações prosódicas que ao serem associadas aos componentes da força ilocucionária, bem como aos critérios operacionais que modificam tais forças, possibilitam a caracterização de padrões entonacionais dos atos de fala, oferecendo meios para caracterização de diferentes modos de realização dentro de uma mesma categoria, ou subclasses de pedidos, de ordens e de súplicas, o que no caso da prosódia, estão associadas ao tipo de padrão melódico, às diferenças nas durações, às amplitudes das variações e tessitura, como revelaram os resultados da análise quantitativa e qualitativa dos dados da pesquisa. Entretanto, em casos nos quais a prosódia não contribuiu como um índice muito forte das atitudes, estas por sua vez, podem ser interpretadas com base em fatores internos e externos

ao sistema linguístico, incluindo aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, além de questões ligadas de alguma forma à expressão de atitudes do locutor, tais como estado psicológico expresso, graus variáveis de conteúdo proposicional, adição de condições preparatórias e de sinceridade adicionais. Outro fato é que alguns padrões prosódicos, sua regularidade e sua força ilocucionária nas situações cotidianas revelam, por um lado, modos de organização social, como o pedido conciso que dependendo do contexto, não seria apropriado (por exemplo, um pedido realizado numa situação formal a alguém que mal se conhece ou acabou de conhecer), pois o modo pelo qual as coisas estão organizadas socialmente exige, a sua maneira, outro comportamento prosódico.

De maneira geral, os resultados da investigação de Moraes *et al* (2010), apontam resultados satisfatórios, demonstrando que a prosódia e os aspectos paralinguísticos, elementos das estratégias comunicativas do locutor, podem ser analisados, por um lado, pelas informações de natureza prosódica e paralinguísticas, e por outro, pela lógica ilocucionária, que contempla aspectos de natureza sintática, semântica e pragmática, permitindo assim, a investigação e a descrição de possíveis relações específicas que possam ter esses elementos (QUEIROZ, 2011).

Desse modo, se por um lado a TAF aponta para a prosódia como fator relevante para a determinação da força ilocucional, por outro viés, o principal interesse dos estudos prosódicos em relação à Teoria está relacionado ao aspecto de poder inserir na análise da significação, a influência do contexto e da relação entre locutor/alocutário. Assim, podemos inserir a prosódia nos atos ilocucionais e perlocucionais, bem como tanto no âmbito da produção quanto no que se refere à percepção. Destacamos a relevância deste trabalho, em abordar a relação prosódia e pragmática nos atos comunicativos, mais especificamente por compreender como ocorre o uso de expressões e enunciados nos contextos de interação.

2.1 A PROSÓDIA DA EXPRESSÃO FACIAL DA EMOÇÃO

De acordo com Antunes (2007 *apud* SÁ, 2013), os primeiros estudos de expressividade no que diz respeito aos trabalhos prosódicos, foram realizados por pesquisadores que procuravam demonstrar como a mudança da entonação de determinada frase faz com que o significado sofra alteração e se isso fora verificado em termos da expressão da atitude ou da emoção do falante. No entanto, a questão recai no fato de que muitos autores não demonstram conceitos claros sobre o que vem a ser atitude e emoção sob o

ponto de vista prosódico. Por isso, no trabalho sobre a análise de expressões prosódicas faciais é relevante abordar a relação entre os termos.

Wichmann (2002 *apud* SÁ, 2013) apresenta a relação prosódica das emoções e das atitudes, afirmando que essa última é um tipo de comportamento controlado pelo indivíduo, que por sua vez pode expressá-la conscientemente de acordo com sua comunicação, conseguindo controlar o que quer repassar, desse modo, quando quiser ironizar um enunciado se portará como alguém que estará ironizando. A primeira, a emoção, trata-se de um sentimento não controlado pelo falante, uma vez que é espontâneo, por exemplo, quando alguém se encontra em momentos de tristeza imediatamente revela expressão emocional de alguém triste e não alegre, como descarga espontânea de uma tensão psíquica. É o caso de um contexto de velório que ninguém em sã consciência se porta expressando alegria. Assim sendo, a distinção se encontra na relação de haver ou não controle pelo indivíduo. (FÓNAGY, 1993 *apud* SÁ, 2013). Contudo, não cabe neste trabalho a análise de ambos os conceitos, mas especialmente a investigação das emoções prosódicas faciais primárias dos surdos nos momentos de interação ou nos contextos comunicativos.

Desta feita, conforme Correia 2014, nas décadas de 60 e 70 as investigações de Paul Ekman e Izard³ em vários países demonstraram a universalidade das expressões faciais da emoção. Junto a outros pesquisadores, esses teóricos foram demonstrando ao longo do tempo que *“apesar das diferenças culturais, os seres humanos possuem a capacidade de construir, identificar e reconhecer um pequeno grupo de emoções, que denominaram de emoções básicas e universais”*. (EKMAN, 1993 *apud* CORREIA, 2014, p. 59).

Neste estudo, nos detemos a analisar e descrever as seis expressões prosódicas faciais primárias produzidas tanto por surdos quanto por ouvintes, definidas por Paul Ekman (1999 *apud* CORREIA, 2014 e FAUSTINO *et al*, 2006): alegria, tristeza, raiva, medo, nojo e surpresa/espanto. No Quadro abaixo, apresentamos a descrição textual de cada expressão prosódica facial correspondente à Figura 02, na qual percebemos as expressões propriamente ditas, analisadas pelo autor:

³ A constatação da universalidade das emoções foi contrária a outras opiniões existentes de que assim como a linguagem e dependendo da cultura, as expressões seriam específicas e diferentes umas das outras. (CORRÊA, 2014).

Quadro 1: Descrição textual das características das expressões básicas.

Expressões faciais	Descrição
Alegria	As sobrancelhas estão relaxadas. A boca está aberta e os cantos da boca, direcionados para cima, na linha de segmento das orelhas.
Tristeza	A parte interior das sobrancelhas (perto do nariz) está elevada. Os olhos estão ligeiramente fechados. A boca está relaxada.
Espanto/surpresa	As sobrancelhas estão elevadas . As pálpebras superiores estão muito abertas e as inferiores relaxadas. A boca está aberta, descendo significativamente o maxilar inferior.
Medo	As sobrancelhas elevam-se simultaneamente e as respectivas partes interiores aproximam-se. Os olhos estão tensos e em alerta.
Nojo	As sobrancelhas e pálpebras estão relaxadas. O lábio superior eleva-se ligeiramente de modo assimétrico, fazendo uma pequena curva.
Raiva	A parte interior das sobrancelhas contrai-se simultaneamente para baixo. Os lábios pressionam-se um contra o outro ou abrem-se ligeiramente, mostrando os dentes.

FONTE: CORREIA, 2014 e FAUSTINO *et al*, 2006).

Figura 02: fotografias das expressões prosódicas básicas utilizadas por Ekman



FONTE: EKMAN *et al*, 1999 *apud* CORREIA, 2014 e FAUSTINO *et al*, 2006.

Em cada uma dessas expressões prosódicas, Figura 02 acima, correspondem determinados posicionamentos dos músculos e dos elementos faciais, elas são produzidas através da contração dos músculos da face que criam configurações faciais específicas. Tudo isso foi verificado pelo sistema FACS (Ekman, 2002). No Quadro 1, é possível notar que as emoções são detectadas por meio de sua expressão facial, cuja identificação é feita sob

observação dos principais pontos da face: sobrancelhas, olhos e boca. Como já ressaltado, as investigações de Ekman e Izard confirmaram a universalidade do reconhecimento emocional e perceberam a similaridade de expressões nas diferentes culturas. Apesar disso, conforme, Besche-Richard & Bungener (2008 *apud* CORREIA, 2014), as expressões diferem na forma e intensidade com que exprimem a emoção, como visto na figura acima.

Keltner & Ekman (2002) salientam que as expressões faciais são transmitidas pela comunicação não verbal (através da expressão facial, corporal, olhar, gestos, voz), assim como, por meio da comunicação verbal sob a forma de palavras. (KELTNER & EKMAN, 2002 *apud* CORREIA, 2014). Destarte, elas constituem uma poderosa fonte de informação, por exemplo, a face permite revelar a identidade, o sexo, a capacidade de contato ocular e a expressão facial do indivíduo, fundamental na comunicação com os outros (ADOLPHS, 2002 *apud* CORREIA, 2014).

Conforme Correia (2014), não é fácil encontrar uma definição objetiva para explicar a expressão facial da emoção, por tratar de um *“processo complexo, multidisciplinar que não depende exclusivamente de uma variável identificável, em que podemos distinguir múltiplos elementos como as expressões e as sensações corporais”* (p. 53). As várias definições do termo emoção mostram que ela trata-se de um conjunto de reações complexas a determinado estímulo, abrangendo a integração de processos neuronais, fisiológicos, motores, comportamentais e experienciais, além disso, permite ao ser humano uma forte capacidade de sobrevivência face às adversidades (FREITAS- MAGALHÃES, 2011; KELTNER & EKMAN, 2002 *apud* CORREIA, 2014).

Perante isso, podemos considerar que as emoções apresentam uma grande importância social, permitindo regular as interações, pois certas experiências emocionais possibilitam uma aprendizagem emocional que determinam o nosso comportamento em situações futuras, uma vez que, ao expressarmos a emoção estamos também contribuindo para a comunicação a nível social. Ademais, por meio do uso das expressões prosódicas, mesmo sem ter pronunciado nada ou realizado algum sinal é possível entender o significado de uma mensagem ou ter em mente o que outra pessoa quer “dizer”. (FREITAS-MAGALHÃES, 2011 *apud* CORREIA, 2014).

Posto isso, percebemos a relevância do contexto na realização e adequação de expressões prosódicas faciais. Sendo assim, é relevante a realização de análises sobre tal questão, a fim de verificar se realmente os usuários da língua detêm prática de moldar suas expressões prosódicas faciais conforme os contextos comunicativos, pois a capacidade de identificar e reconhecer o estado emocional de alguém através da análise da sua expressão

prosódica facial é importante para o bom funcionamento social, bem como para orientar as interações sociais do indivíduo, já que, uma incorreta interpretação ou identificação das emoções prosódicas de alguém pode conduzir a reações inadequadas, conseqüentemente assumir um caráter estranho, sem compreensão. (BESCHE-RICHARD & BUNGENER, 2008 *apud* CORREIA, 2014).

Nesse viés, Costa-Vieira e Souza (2014) apontam que a prosódia possui caráter essencial para comunicação humana, acrescentando informações além do contexto semântico transmitido. Adicionam ainda que, tanto a voz quanto os sinais não carregam apenas a informação semântica, mas podem transmitir informações através de aspectos não verbais como os parâmetros acústicos (altura, intensidade, tom) ou por meio da prosódia das expressões, as quais não se destinam aos aspectos formais da linguagem, são construídas culturalmente, tendo seu reconhecimento, significado e interpretação vinculados ao contexto social. (SCHERER, BANSE, & WALLBOTT, 2001; TESTA, BEATTY, GLEASON, ORBELO, & ROSS, 2001 *apud* COSTA-VIEIRA E SOUZA, 2014).

No último tópico, a seguir, inicialmente abordamos a relevância e a relação existente entre Prosódia e a Pragmática na Libras, bem como tratamos de análises já realizadas em torno dessa relação, especialmente nos atos comunicativos/ no uso das expressões prosódicas faciais da emoção na Libras.

3 A PROSÓDIA E A PRAGMÁTICA NA LIBRAS

Segundo Quadros e Karnopp (2004), *“a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”*. Ciente disso, podemos afirmar que a Libras é uma língua, pois possui regras gramaticais (comuns à comunidade de indivíduos surdos do Brasil), variação linguística (de acordo com a sua comunidade, os dialetos), sistema fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático próprios. (QUADROS E KARNOPP 2004, p.28). Em relação aos níveis linguísticos citados, para uma melhor compreensão dessa língua, assim como todas as outras, é necessário um fator importante para o processo cognitivo humano, realizado nas ações e intenções enunciativas, o contexto, em outras palavras o nível pragmático. No uso linguístico, ele nos faz compreender, por exemplo, o porquê do falante querer dizer algo indiretamente e não diretamente, o porquê de produzir uma negativa querendo dizer algo afirmativamente (ironia). Assim, podemos considerar a importância do contexto na comunicação das diferentes línguas.

Por muito tempo esses estudos ainda não haviam se desenvolvido pelas principais correntes linguísticas, entretanto, agora parecem visionar a necessidade de melhor compreender a contribuição da prosódia e sua relação com os aspectos pragmáticos. Já que por um lado, nas investigações sobre o assunto, há um alto grau de conformidade sobre o fato do tema ser explicado e entendido através de um bom número de considerações, pois os aspectos de interpretação do significado expresso, estão subordinados a uma quantidade considerável de habilidades e ao conhecimento do mundo físico e social. (QUEIROZ, 2011).

Ainda de acordo com Quadros e Karnopp (2004), no nível pragmático as escolhas linguísticas organizadas em sentenças ou elaboradas em uma ocasião concreta, ajudam a colocar funcionamento nos processos da enunciação. Posto isso, vale salientar que a construção do significado não se dá somente a partir do conhecimento do léxico e da gramática, mas através da relação de processos cognitivos que promovem a compreensão do signo linguístico e da criação do significado baseado na perspectiva de uso linguístico.

Vimos na sessão anterior que a prosódia ocorre no português através das características das emissões dos sons, na fala, como entonação e acentos. Na escrita, ocorre através da apropriação de elementos de pontuação que faz a mesma ficar mais semelhante a uma conversa. Nesse viés, assim como a prosódia tem funcionamento na Língua Portuguesa, o mesmo também ocorre na Libras, isso faz com que esse trabalho realize sempre um paralelo entre tais línguas.

Segundo Quadros *et al* (2009) enquanto as línguas oralizadas usam o volume e a queda do pitch da voz, volume e pausa para alcançar efeitos, a língua de sinais, no caso a Libras, aplica posturas faciais, expressões corporais e rítmicas. Ou seja, o aspecto prosódico não deixa de estar presente, apenas se manifesta de forma diferenciada.

Pizzio, Rezende e Quadros (2008) afirmam que a comunicação humana pode ocorrer de diferentes formas, pois nem sempre a linguagem verbal (seja ela falada ou sinalizada) é a maneira que utilizamos para nos expressarmos. Em outras palavras, uma das maneiras de comunicação ocorre por meio das expressões faciais, que é o caso quando duas pessoas não falam a mesma língua, para isso terão que encontrar outra forma de interação, apontamento de objetos, produção de desenhos ou uso de gestos. Até mesmo falantes de uma mesma língua, em determinadas situações, podem lançar mão de outros recursos para transmitir uma mensagem, é o caso de um guarda de trânsito, por exemplo, que ao fazer um determinado movimento com os braços, as pessoas são capazes de compreender se devem parar, prosseguir ou se devem retornar, entre outros comandos. Dessa forma, através das expressões faciais,

podemos revelar emoções, sentimentos, e intenções ao interlocutor, sendo que, esse recurso linguístico é utilizado em todas as línguas.

As expressões faciais estão divididas em dois grupos: expressões afetivas (aquelas que expressam sentimentos - alegria, tristeza, raiva, angústia, entre outros e podem ou não ocorrer simultaneamente com um ou mais itens lexicais). Essas primeiras, não são exclusivas das línguas de sinais, pois nas línguas faladas as pessoas também às usam. Além dessa, há as expressões gramaticais, as quais estão relacionadas às estruturas específicas, tanto no nível da morfologia quando no nível da sintaxe. Essas últimas são particulares das línguas de sinais e obrigatórias em contextos determinados de uso da língua. (PIZZIO, REZENDE E QUADROS, 2008). Para questão de exemplificação, vejamos a Figura 03, abaixo:

Figura 03 - Expressões faciais gramaticais - expressão do substantivo “casa”.



FONTE: ilustrações da Prof. Ana Regina Souza e Campello, retiradas do material de Libras II (publicado pela Universidade Federal de Santa Catarina).

Nos exemplos, acima, do sinal “casa”, podemos observar que esses tipos de marcações não manuais gramaticais são graduais, no nível morfológico eles não apresentam uma expressão fixa, mas produzidos com diferentes gradações de intensidade e tamanho, no caso, o substantivo incorpora o grau de tamanho conforme apresentado nos exemplos. Nesses tipos de marcações são muito comuns haver modificações de outra ordem na produção dos sinais, por exemplo, modificações na configuração de mão. De acordo com a Figura 03, quando o sinal é produzido para expressar algo com uma intensidade específica do português à palavra CASINHA o sinal é produzido com a configuração de mão em que os 5 dedos ficam grudados. Já, ao expressar o sinal relativo à CASA, articula-se simultaneamente vários “fonemas” que compõem esse sinal: coloca-se a mão num formato específico – a configuração de mão ao lado; posiciona-se as mãos no espaço neutro (na frente de nosso corpo) – que é o ponto de articulação do sinal; coloca-se as mãos em orientações opostas (mão direita com a palma para a esquerda e a esquerda com a palma para a direita); produz-se

um movimento retilíneo com uma mão em direção à outra, tocando a ponta dos dedos; e realiza-se a expressão facial neutra.

Como ressaltado outrora, as expressões faciais desempenham um papel fundamental nos processos interativos das línguas de sinais, já que a comunicação dos surdos é visuo-espacial. Essas expressões são marcas prosódicas utilizadas por tais usuários para interagir em determinado discurso, expressando sentimentos de uma forma geral nos enunciados. Para Nespor e Sadler (1999, *apud* CARVALHO, 2016):

“[...] nas línguas orais, as melodias tonais são produzidas por um único articulador, as cordas vocais, recaindo sobre as sílabas e se indispondo sequencialmente na cadeia da fala. Já nas línguas de sinais, diferentemente, “as melodias” faciais seriam produzidas pela configuração simultânea de vários articuladores, por exemplo, mãos, sobrancelha, pálpebra, boca, cabeça, que recairia igualmente sobre todos os sinais de um agrupamento prosódico.” (NESPOR E SADLER, 1999, *apud* CARVALHO, 2016, p. 37).

Os estudos sobre a prosódia da língua de sinais, diferentemente dos demais níveis de análise, demoraram mais tempo para se estabelecer no campo. Uma das possíveis razões deve-se ao fato de que a prosódia nessas línguas é em grande medida veiculada por meio de marcadores não-manuais, que começaram a receber uma atenção mais cuidadosa dos linguistas por volta da década de 80. Percebemos assim, que há muito o que analisar e investigar em torno da prosódia no ato comunicativo, mais ainda quando esse ato se trata da interação entre surdos, pois muitas investigações de descrições linguísticas têm apenas destacado a prosódia fonético-fonológica na modalidade oral ou em recursos gráficos e pictóricos para a modalidade escrita, desconsiderando a prosódia visual.

Desta feita, podemos afirmar que, são insuficientes as investigações em torno da prosódia nos atos enunciativos. Carvalho (2016) aborda sobre a matéria discutida por Schafer (1997), pois a prosódia apresenta relação com vários níveis da gramática, como é o caso da pragmática, porém é descrita pelas teorias de processamento como um conjunto de elementos fonológicos organizados dentro da sentença, sem levar em consideração que a estrutura prosódica é necessária para a compreensão da sentença e de um discurso.

Destarte, podemos considerar que em uma determinada interação, o enunciado não se apresenta apenas como unidade verbal, mas através de interações reais entre os sujeitos do discurso, que se expressam também verbo-visualmente, além do sonoro, articulando ao dito informações que complementam e acrescentam algo novo que precisa ser decodificado, e é justamente esse não dito sonoramente que pode apresentar a ilocucionaridade do locutor percebida pelo interlocutor, o que faz o enunciado ficar completo, por exemplo, é o caso da

conversação em Libras que precisa da junção de sinais e expressões prosódicas para que um enunciado seja melhor compreendido. Nesse sentido, é possível afirmar que em todo enunciado há uma prosódia face corporal, que se concretiza através de expressões faciais, gestos e corpo, utilizada por locutores surdos e ouvintes, sendo uma estratégia cognitivo-discursiva que precisa ser considerada em uma descrição linguística e em uma descrição translinguística do discurso. E a partir desses dois níveis de língua (prosódia e pragmática) em seus processos de significações linguística e discursiva, que são simultâneos, por meio de uma comparação, podemos analisar se a prosódia face corporal é específica a cada língua, independentemente de sua modalidade, ou se é a mesma enquanto traço cognitivo-discursivo da linguagem humana no discurso face a face.

O fato é que em todas as línguas a análise da linguagem deve incorporar cada vez mais os elementos do contexto e relacioná-los aos aspectos linguísticos, esse é, a nosso ver, o principal ponto de reflexão dos futuros trabalhos da área da prosódia. Pensando nisso, este trabalho assume sua importância, pois busca analisar e contribuir para estudos da prosódia/pragmática nos atos comunicativos dos surdos.

A seguir, descreveremos os procedimentos metodológicos, e posteriormente apresentaremos os resultados e discussões referentes à pesquisa realizada.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA

Os dados para este estudo foram coletados da Oficina “Compreensão e Produção escrita da Língua Portuguesa para surdos”, parte do Projeto de Extensão denominado “Leitura Silenciosa do Português Escrito para Surdo” que ocorreu no período de maio a junho de 2017, conforme citado anteriormente. Realizamos as aulas na terça, quarta e quinta-feira, no turno tarde, no horário de 14: 00 às 17: 00 horas para os participantes do projeto, a saber, três alunos surdos do Ensino Médio da rede pública estadual. Os mesmos foram contatados por meio da escola E. E. F e M. Benvinda de Araújo Pontes, de Abaetetuba/PA. Alguns dias contávamos com a participação dos pais que buscavam estar junto aos filhos para facilitar na interação por meio da Libras, já que tínhamos um conhecimento básico da língua, insuficiente para a fluência dos participantes, porém isso não fora empecilho para o desenvolvimento da oficina, pois interagíamos o suficiente para haver a comunicação.

Ao longo do desenvolvimento da oficina, notamos algumas questões (apesar de pouco tempo): os participantes sentiam gosto em estar conhecendo os conteúdos ministrados (os quais eram desenvolvidos de forma lúdica), tanto que interagiam sempre nas aulas; observamos que os mesmos apresentaram um maior desenvolvimento de interação; Além disso, percebemos que o ensino da Libras, quando associado ao Português, trouxe bons resultados para rendimento de ensino e aprendizagem dos mesmos. De forma geral, notamos maior interesse pela escrita, o que já foi um grande avanço, pois no início um dos participantes nos relatou que não gostava de estudar a Língua Portuguesa.

2.1 PARTICIPANTES

Participaram 03 surdos, estudantes do Ensino Médio, regularmente matriculados na rede pública de ensino do município de Abaetetuba/PA, com idade entre 18 e 24 anos. A seguir, apresentaremos o perfil de cada participante, tratados pelas iniciais R, M e T, respectivamente.

R – Surdo profundo. De acordo com os relatos da família, no decorrer de sua trajetória até a fase da adolescência o participante sempre tivera contato com a Libras, já que sua mãe buscava o engajamento na sua educação, inserindo-o no “mundo” da Libras, buscando alfabetizá-lo e ensiná-lo em casa as coisas que pesquisava fora. Não o deixava desamparado, tanto que, a fim de se comunicar melhor com o filho, cursava graduação em

Libras. De maneira geral, esse participante era bem inserido e engajado no universo da comunicação em Libras, o que foi perceptível no decorrer da aplicação da oficina.

M – Surda moderada. Realizava leitura labial e possuía indício de audição. Conforme as informações prestadas pela família, seu contato com a Libras ocorria maior parte na escola de ensino fundamental, em interação com os colegas de turma, já que os pais não eram muito familiarizados com a língua, pois se comunicavam com ela através das habilidades linguística adquiridas pela mesma, a fala e leitura labial. Contudo, na maior parte das vezes, a participante buscava se comunicar em Libras, já que era sua língua materna.

T – Surdo profundo. Assim como a família da participante M, os familiares desse participante também não apresentava domínio no uso da Libras. Segundo os relatos dos pais, o contato dele com a língua materna fora difícil, pois ele não tinha contato com essa língua no ambiente familiar, o que ocorria com mais frequência na escola.

É importante ressaltar que essas descrições básicas de cada participante, foram informadas (via oral) no decorrer do andamento da oficina, nos momentos das realizações das visitas domiciliares, onde as famílias nos relatavam brevemente a história de cada um, destacando suas particularidades pessoais e sociais.

2.2 MATERIAL

O material compôs de 6 (seis) expressões prosódicas faciais das emoções: alegria, tristeza, espanto/surpresa, medo, nojo, raiva, manifestadas pelos participantes em Libras por meio de estímulos visuais e textos escritos da Língua Portuguesa, que foram gravados (imagem e som) para posterior análise da prosódia visual.

2.3 TAREFA DOS PARTICIPANTES

Os participantes produziram em Libras 4 tarefas na seguinte ordem,: a) produção textual em Libras de fábulas; b) produção em português e exposição em Libras de frases espontâneas; c) leitura e apresentação em Libras dos contos “Se um gato for” (Cipis, 2009); “Com certeza muitas dúvidas” (Silva et al, 2004); “O menino monossilábico” (Goltcher, 2006); d) produção em português e exposição em Libras de carta. Vale ressaltar que os dados

foram apenas retirados da oficina, não houve uma oficina especificamente para a coleta dos mesmos no referido trabalho.

Abaixo, segue a descrição das referidas atividades:

a) Produção textual em Libras das fábulas: “A Cigarra e a Formiga” (do Livro Fábulas, de Monteiro Lobato, 1994), “Chapeuzinho Vermelho” e “Cinderela (contos de fadas dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm)”.

Projetamos por meio de *slide*, três (3) fábulas: “A Cigarra e a Formiga”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Cinderela” (ANEXO E) para cada participante na modalidade escrita em Português (acompanhados de imagens). Em seguida, os mesmos expuseram-nas em Libras individualmente. A exposição durou aproximadamente 15 minutos cada, durante isso, os participantes eram gravados.

b) Produção em português e exposição em Libras de frases espontâneas.

Como o objetivo da oficina era tratar do Português escrito para surdos, buscávamos sempre propor atividades para que observássemos a organização da escrita dos participantes. Assim, em relação à atividade da escrita e apresentação de frases, fora solicitado aos mesmos, um por vez, que escrevessem alguma (uma só) frase na lousa sobre o que gostavam de fazer. Posteriormente expuseram-na cada qual o que haviam escrito e perante a apresentação, os participantes foram gravados. De acordo com as gravações observamos as seguintes frases escritas em Português, mas que foram expostas em Libras pelos participantes:

1- Frase do participante **R**: “*meu amigo pessoa com brinca um só saber não*”.

Nessa sentença, o participante basicamente repassou por meio de sua produção o gosto por brincadeira, ressaltando que possuía um só amigo com quem mais brincava e que não sabia dos outros.

2- Frase da participante **M**: “*mãe minha junto alegria eu depois falar mãe sorveteria*”

Nessa sentença, a aluna expôs seu gosto no sentido de que ao ficar junto à mãe, possivelmente em um passeio, ficavam alegres, sendo que depois pedia à mãe que queria tomar sorvete.

3- Frase do participante **T**: *“mãe minha triste sente porque eu viagem depois assim ficar amo junto mãe minha feliz sempre”*

Esse participante salientou seu gosto por viagem, assim expôs o fato de que a mãe se sentia triste quando o mesmo viajava, mas ao voltar, permanecia junto à sua mãe e tudo ficava feliz novamente.

c) Leitura e apresentação em Libras dos contos “Se um gato for” (Cipis, 2009); “Com certeza muitas dúvidas” (Silva et al, 2004); “O menino monossilábico” (Goltcher, 2006).

Quanto à leitura e apresentação dos contos: “Se um gato for” (Cipis, 2009); “Com certeza muitas dúvidas” (Silva *et al*, 2004) e “O menino monossilábico” (Goltcher, 2006), solicitamos aos participantes que levassem cada qual um livro diferente para casa, a fim de que pudessem fazer a leitura e na próxima aula cada um expusesse em Libras o que haviam entendido sobre o texto. No momento das exposições nós os gravamos.

d) Produção em português e exposição em Libras de carta.

Entre os conteúdos trabalhados na oficina, abordamos sobre o “Texto Narrativo” e uma das atividades solicitadas sobre o tema referia-se à produção de cartas. Desse modo, cada participante escreveu em português uma carta que poderia ter como remetente alguém especial para eles. O participante **R** escreveu para sua mãe, o **T** para sua namorada e **M** à sua mãe. Após tal produção fora solicitado que cada um expusesse em Libras a sua carta, nesses instantes eram gravados.

Vale ressaltar que os três participantes realizaram todas as atividades expostas acima (apresentação das fábulas, leitura e produção de textos e escrita de frases), no entanto, daremos ênfase para aquelas em que foram encontradas as expressões prosódicas faciais das emoções de cada participante, a saber:

R: realizou as expressões prosódicas faciais das emoções na tarefa da exposição/produção da fábula “A Cigarra e a Formiga” e “Chapeuzinho vermelho”.

M: realizou as expressões prosódicas faciais das emoções na tarefa: exposição/produção das fábulas “Cinderela” e “Chapeuzinho Vermelho”.

T: realizou as expressões prosódicas faciais das emoções nas tarefas: exposição/produção da fábula “A Cigarra e a Formiga”, bem como na escrita e exposição de uma

sentença relacionada ao seu gosto (no caso escreveu algo relacionado ao gosto por viagem): “*mãe minha triste sente porque eu viagem depois assim ficar amo junto mãe minha feliz sempre*” (escrita em Português) e exposta em Libras.

2.4 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DOS DADOS

Descrevemos as expressões prosódicas faciais das seis emoções primárias: raiva, alegria, tristeza, medo, nojo e surpresa dos participantes surdos nas tarefas outrora citadas. Utilizamos o sistema FACS⁴ (*Facial Affect Coding System*). Sistema baseado na anatomia humana, cujo é capaz de classificar a expressão facial através do movimento dos músculos da face desconstruindo-as em unidades de ação (*action units*) que corresponde ao movimento de contração ou relaxamento de músculos individuais ou de grupos de músculos, para análise dessas seis expressões prosódicas faciais adotamos os procedimentos:

- a) Observação minuciosa das gravações para verificação dos rostos dos participantes, a fim de que encontrássemos expressões prosódicas de emoções e os contextos em que foram realizadas;
- b) “Congelamento” ou *play* para a realização de cortes nas gravações para realizar as descrições das expressões prosódicas;
- c) Análise das expressões prosódicas faciais das emoções: raiva, alegria, tristeza, medo, nojo e surpresa;

⁴ Desenvolvido por Ekman, Friesen, e José C. Hager em 2002. O modelo é um sistema usado para classificar expressões faciais humanas sistema que define os movimentos faciais, possibilitando rotular manualmente praticamente qualquer expressão facial. (EKMAN *et al.*, 2002 *apud* FAUSTINO, 2006).

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir fora tratado inicialmente as descrições das expressões e dos contextos em que os surdos realizaram as emoções prosódicas faciais. Posteriormente, apresentamos uma abordagem geral do que fora encontrado e as respectivas bases teóricas de apoio para análise. Sendo assim, tomemos como objeto de análise a prosódia da expressividade de R, M e T na seguinte ordem: emoção alegria; tristeza; espanto; medo; nojo; raiva, e por último, apresentamos o resultado geral.

3.1 PROSÓDIA DA EXPRESSIVIDADE ALEGRIA

De acordo com Correia (2014), a emoção alegria pode ser reconhecida de acordo com as características: nos olhos as pálpebras ficam apertadas e aparecem ao redor, as rugas, também conhecidas como “pés de galinha”. Contudo, reconhecemos principalmente pelo sorriso, em que a boca pode ficar aberta ou fechada e as bochechas elevam-se para as laterais. Vejamos as Fotos 1, 2 e 3 dos participantes surdos R, M e T ao expressarem a emoção alegria.

Foto 1: alegria surdo R



Foto 2: alegria surdo T



Foto 3: alegria surdo M



FONTE: Cardoso, Carvalho e Rodrigues (2017).

Os participantes R e T expuseram a prosódia da expressividade da emoção alegria no contexto da fábula “A Cigarra e a Formiga”. E a participante M, produziu a mesma expressividade, porém na narrativa “Cinderela”. Os dados demonstraram que R, Foto 1, acima, realizou a emoção alegria de acordo com o enredo e com sua interpretação da fábula, no momento em que a cigarra sente-se feliz ao saber que será ajudada pela formiga após passar por um momento de muito frio e fome. Tal participante mostrou-se feliz de forma súbita ao produzir essa passagem, passando de um contexto triste para um alegre, o que ficou claro pela mudança da expressão prosódica do mesmo, já que momentos antes interpretou a

cigarra como alguém que se encontrava em estado de tristeza, mas ao receber uma boa notícia vibrou expressando alegria. Segundo Izard (1996 *apud* CORREIA, 2014) é dessa maneira que se dá a realização da prosódia da emoção alegria, o pensamento ocorre de forma rápida, contrario a tristeza, resultado direto de uma ação e consequência de um estado em que a pessoa sente-se alegre quando uma emoção negativa desaparece.

Assim sendo, essa emoção prosódica é expressa no contexto em que recebemos uma notícia boa, ocorrendo uma mudança de qualquer outra sensação, por isso podemos considerar que a prosódia ocorre no momento da realização de uma expressão prosódica facial para outra, devido alguma situação, sendo que essa “situação” está relacionada à pragmática, que surge ao passar de um contexto enunciativo para outro. Para salientar isso, Quadros e Karnopp (2004) apontam que só podemos entender o significado global das expressões linguísticas, se considerarmos a situação em que a língua está sendo usada. Caso contrário, é possível entender o sentido literal das palavras e das sentenças (neste caso das expressões prosódicas faciais), mas não entenderemos o sentido mais sutil que fora construído especificamente pelo fato das expressões serem realizadas em uma determinada situação de fala (o que para surdo é a sinalização).

Destarte, a expressão prosódica do participante R fora executada com bastante expressividade, com ânimo. A boca aparece aberta, percebemos uma rápida elevação da pele da testa (o que chamamos de “franzir”), assim como uma das sobrancelhas. Os olhos ficaram bem abertos e dilatados. Verificamos também que houve uma elevação no nariz para as laterais e as bochechas ficaram posicionadas para cima e para trás, deixando os cantos da boca esticados para os lados.

Na Foto 2, acima, o participante T realizou a prosódia da expressão alegria, também no momento em que a cigarra fica feliz a receber uma boa notícia. No entanto, notamos uma mudança de “intensidade” na mesma expressão prosódica facial se comparada ao surdo R, uma vez que o participante da Foto 2, não realizou com tamanha expressividade essa notícia. Sabemos que nos estudos prosódicos da língua falada, a intensidade está relacionada ao acento tônico da palavra e marca uma sílaba que é pronunciada com mais força. No entanto, fazemos aqui, apenas um paralelo com esse conceito, ou seja, o termo não está intimamente ligado à ideia de tonicidade do acento, mas ao ato de realizar um sinal com mais ou menos expressividade (euforia) perante uma situação, já que a intensidade não fora medida em software adequado, porém é possível percebê-la por meio da expressividade.

Destá feita, observamos as seguintes características na expressão prosódica alegria do surdo T: a boca aparece fechada com os cantos e as bochechas elevados vagamente para os

lados, os olhos não ficaram tão dilatados e sim sutis, demonstrando um sorriso mais leve que o participante R. Nele é mais perceptível a realização da expressão prosódica da emoção alegria através do próprio sinal alegria, realizado com as mãos abertas fazendo um movimento para cima nos ombros.

A participante M, Foto 3 acima, produziu/expôs a narrativa “Cinderela”, demonstrando a prosódia da expressividade alegria, momento no qual segundo o enredo, a princesa sente-se feliz ao calçar as luvas para o baile. Nesse contexto, sua expressão fora realizada da seguinte maneira: a boca ficou aberta sob os dentes, com os cantos para as laterais; as bochechas elevaram-se para os lados e os olhos aparecem dilatados.

Assim como os demais participantes, notamos que no referido momento da fábula, a participante M repassou a emoção alegria, adequando sua expressão ao contexto da situação da narrativa. Segundo Freitas-Magalhães (2011 *apud* CORREIA, 2014), do mesmo modo que os aspectos prosódicos são determinantes para a interpretação sintática e semântica de um enunciado na fala, pois pode promover complementação, e conseqüentemente modificação do sentido do que é dito, isso também pode ocorrer com os sujeitos surdos que não conseguem ou muitas vezes não tem o hábito de expressar suas emoções durante uma interação, e no caso desses últimos, a situação de ação merece mais atenção, uma vez a comunicação é realizada através de sinais em conjunto com a expressão prosódica facial e quando essa última não é realizada, o enunciado pode sofrer outros significados, alterando a compreensão.

Por isso a importância dessas expressões prosódicas nos enunciados e mais ainda do uso delas nos seus contextos devidos. Perante isso, tendo em consideração a relevância do reconhecimento da expressão facial da emoção e dos sinais emocionais nos contextos de interação, é importante considerar todas as lacunas que possam existir e que podem afetar a comunicação, bem como a relação entre os indivíduos.

3.2 PROSÓDIA DA EXPRESSIVIDADE TRISTEZA

De acordo com Freitas-Magalhães (2011) citado por Correia (2014), a prosódia da expressividade emocional tristeza apresenta características faciais que permitem a sua distinção das demais emoções, já que, as sobrancelhas permanecem mais juntas e descaídas, assim como as pálpebras superiores inferiores contraem-se fazendo um movimento para baixo, as narinas fazem um movimento descendente, a boca fica fechada e o queixo tenso, podendo até franzir. Algumas dessas características podem ser observadas abaixo nas Fotos 4 e 5 dos participantes R e T. Não detectamos essa expressividade na participante M.

Foto 4: tristeza surdo R



Foto 5: tristeza surdo T



FONTE: Cardoso, Carvalho e Rodrigues (2017).

Nas Fotos 4 e 5 acima, os participantes R e T expuseram a prosódia da expressividade da emoção tristeza respectivamente nas tarefas: produção da fábula “A Cigarra e a Formiga” e exposição de frase na lousa, em relação ao que gostava de fazer. Assim, o surdo R, demonstrou tal expressividade no momento que a cigarra vai até a casa da formiga pedir abrigo, pois estava com fome, medo e muito frio, uma vez que o inverno havia chegado, no entanto para tristeza da cigarra, a formiga manda que ela saia de sua casa, a mesma retorna com sua viola ao receber um “não”. Vale ressaltar que tal passagem acontece instantes antes da realização da emoção alegria demonstrada na Foto 1, acima, na qual primeiro a cigarra fica triste por não receber ajuda da formiga. Após isso, de acordo com a interpretação do participante, a formiga se arrepende e aceita a cigarra em sua casa, momento no qual ocorre a alegria súbita da cigarra (exposta acima, Foto 1). A marca prosódica da expressividade tristeza do participante R fora ilustrada da seguinte maneira: a cabeça ficou baixa, as pálpebras ficaram baixas; as sobrancelhas desceram para os cantos interiores, sendo que a boca refletiu mais essa expressão, pois ficou fechada com os cantos dos lábios virados para baixo, e o queixo aparece com um franzir para baixo.

Já o surdo T, como já ressaltado, realizou a mesma expressividade na atividade de escrita de uma frase na lousa sobre algo que gostasse de fazer, para que depois pudesse expor o que escrevera (uma vez que nosso intuito na oficina, fora também observar a escrita dos participantes). Assim, o mesmo escreveu na lousa a frase: “*mãe minha triste eu viajar sentir muita saudade eu voltar ficar feliz sempre*”. No caso, escrevera que gostava de viajar, mas sua mãe ficava triste e com muita saudade pelo fato da viagem do filho. Dessa maneira, a expressão de emoção tristeza realizada pelo participante T, Foto 5, acima, ocorre momento em que apresenta a palavra “triste” por se referir ao sentimento refletido pela mãe. Diante

disso, notamos que ao apresentar essa marca prosódica, o participante se posicionou de cabeça baixa, olhos vazios e sobrancelhas também para baixo, os lábios aparecem juntos e moderadamente virados para o lado.

Desse modo, verificamos que apesar dos participantes adequarem a prosódia da expressividade tristeza aos contextos de realização das tarefas, nem sempre essa realização se deu de maneira apropriada, como é notado na Foto 5, acima, do participante T, na qual a expressividade tristeza fora mais notada por meio do sinal “triste” realizado pelo mesmo, expresso com o dedo polegar no queixo, os três dedos do meio da mão ficaram fechados e o menor ficou apontado para baixo, além disso, fez um pequeno giro com sua mão para o sentido horário. O uso de sinais para substituir a expressão prosódica, de certa forma é uma falha, pois de acordo com Freitas-Magalhães (2011) citado por Correia (2014), a expressão prosódica facial constitui um reflexo da experiência emocional do indivíduo e pode ser inibida ou dissimulada. O autor salienta ainda que é no rosto que é exibido muito do afeto que se transmite na interação e na vinculação, destarte, a expressão facial constitui um sinal poderoso sobre o estado psicológico da pessoa e permite moldar o comportamento dos outros assumindo uma atitude social, revelam necessidade de comunicação do estado emocional, todavia nem sempre isso acontece e muitas vezes são usados outros recursos para expressar determinada emoção prosódica.

3.3 PROSÓDIA DA EXPRESSIVIDADE ESPANTO

Assim como a alegria, a prosódia da expressividade espanto (também conhecida por outros como surpresa) é vista por alguns estudiosos como uma emoção súbita, decorrente de acontecimentos inesperados (CORREIA, 2014). Conforme Izard (1996 *apud* CORREIA, 2014) a surpresa prepara o sujeito para algo inovador e para as consequências dessa novidade, orientando o seu comportamento de forma eficaz. Em relação a tais características, notamos isso também nas Fotos 6 e 7 expostas abaixo por M e R (não detectamos a expressividade espanto do participante T), respectivamente:

Foto 6: espanto surdo M



Foto 7: espanto surdo R



FONTE: Cardoso, Carvalho e Rodrigues (2017).

Nas Fotos 6 e 7 acima, os participantes M e R realizaram a prosódia da expressividade espanto, respectivamente na produção das fábulas “Chapeuzinho Vermelho” e “A Cigarra e a Formiga”. De acordo com a produção da participante M, a expressão ocorreu no contexto em que a menina, Chapeuzinho Vermelho, ao andar pela floresta se assusta quando se depara com o lobo. Percebemos de fato que na gravação a expressão prosódica da emoção espanto fora realizada de forma rápida, como afirma Correia (2014). Ao realizar essa emoção a participante ficou com os olhos abertos e arredondados, as pálpebras e as sobrancelhas elevaram-se, houve uma dilatação nas narinas, as bochechas e o queixo elevaram-se. Ademais, os braços e a boca expressaram bem essa emoção, pois aparecem abertos, por sinal a boca ficou até “escancarada” demonstrando de fato um espanto em relação a determinado acontecimento.

O surdo R também realizou a mesma emoção prosódica ao expressar espanto (Foto 7). Sendo que tal realização se deu no momento em que o mesmo produziu/interpretou uma passagem da narrativa “A Cigarra e a Formiga”, especialmente no instante em que segundo o texto, enquanto as formigas trabalhavam, a cigarra vivia a cantar e não trabalhava, ao chegar o tempo de inverno, a mesma passa por apuros e vai até a casa da formiga pedir ajuda, eis que ao abrir a porta e devido a inesperada visita, a formiga se assusta ao vê-la, já que vivia no “bem bom” em outros tempos. Esse é o exato momento que o participante expressou a expressividade espanto, passando de uma cena para outra de acordo com a narrativa.

Posto isso, verificamos que tal emoção fora realizada de forma semelhante quando comparada à participante M, a boca bem aberta, os braços e as sobrancelhas elevaram-se e os olhos ficaram bem dilatados, já que é comum as expressões da mesma emoção se assemelharem, embora existam casos de que uns realizem com mais expressividade e outros não. Isto fora constado nos estudos de Keltner & Ekman, (2002 *apud* CORREIA, 2014), que

apesar de diferentes contextos e culturas dos países, as expressões apresentam uma universalidade.

3.4 PROSÓDIA DA EXPRESSIVIDADE MEDO

A sensação de medo pode ser despertada por algo que transmita perigo real ou imaginário. Muitas vezes, estados e sentimentos de apreensão, dúvida, insegurança ou de desastre eminente podem causar a sensação de medo levando o indivíduo a sentir-se aterrorizado (RODRIGUES *et al.*,1989 *apud* CORREIA, 2014). Essas sensações podem ser transmitidas nas expressões prosódicas durante o uso da língua, como notamos na Foto 8, abaixo:

Foto 8: medo surdo R



FONTE: Cardoso, Carvalho e Rodrigues (2017).

Na Foto acima do participante R, a expressividade da emoção medo, fora realizada na passagem da fábula “A Cigarra e a Formiga”, mais precisamente no instante que a cigarra sente medo ao se ver em apuros, passando pelo inverno sem ter onde se abrigar e o que comer. Isso pode ser reconhecido pelas seguintes características no participante: o queixo ficou descaído, os lábios afastaram-se na direção das orelhas, houve uma elevação e uma maior aproximação das sobrancelhas, notamos também que as sobrancelhas ficaram erguidas, maxilar aberto e pálpebras superiores e inferiores em tensão. Os olhos apareceram maiores e mais redondos que o normal. As pálpebras superiores aparecem elevadas, como na expressão de surpresa, além disso, na boca notamos os lábios alongados horizontalmente e abertos, com os dentes expostos e muito próximos. Esse modo de apresentar os dentes também é uma forma de reforçar a expressão da emoção medo, a fim de proporcionar mais força ou intensificar a sensação sofrida. Ressaltamos que não foram expostas fotos de outros

participantes, pois não detectamos a mesma expressão prosódica facial nas atividades dos mesmos.

3.5 PROSÓDIA DA EXPRESSIVIDADE RAIVA

A raiva é considerada uma emoção negativa que vem associada a comportamentos agressivos, violentos, em termos como a irritabilidade, revolta, violência e a indignação. O mesmo afirma Izard (1996 *apud* CORREIA, 2014) ao abordar que a raiva é simbólica e apoia-se em avaliações e interpretações de sentimentos, pensamentos desagradáveis e sentimentos de injustiça. E conforme Correia (2014), essa expressão pode ser dirigida aos outros ou a si próprio, salienta ainda o fato de que pode ser mais intensa no homem em comparação à mulher, pois ela controla mais o processamento dessa emoção. A raiva pode ser reconhecida pelos seguintes traços: *“sobrancelhas descaídas, enrugamento acentuado da testa, contração das têmporas, cerramento dos olhos, contração da raiz das narinas, dilatação das narinas, boca cerrada, elevação e contração do queixo, algumas vezes os indivíduos tem a tendência de cerrar os punhos”*. (FREITAS-MAGALHÃES, 2011 *apud* CORREIA, 2014, p. 68).

Foto 9: raiva surdo R



FONTE: Cardoso, Carvalho e Rodrigues (2017).

A expressão prosódica facial da emoção raiva, Foto 9, acima, fora realizada pelo surdo R quando produz/interpreta a narrativa “Chapeuzinho vermelho”, mais notadamente ao representar a raiva sentida pelo lobo mal quando quer comer a menina. Dessa maneira, assim como nas descrições acima de Correia (2014), o participante apresentou as seguintes marcas: o franzir da testa para baixo, olhos semicerrados, mostrando um olhar intenso, as pálpebras superiores e inferiores ficaram apertadas, as sobrancelhas aparecem baixas, quase unidas, ademais o nariz encorriha para cima, as bochechas contraíram-se e subiram, a boca ficou

estreita, os maxilares e os lábios permaneceram pressionados ao mesmo tempo, o que notamos no fato do lábio inferior aparecer um pouco maior por estar pressionado. Novamente, do mesmo modo que na expressividade da emoção medo, não encontramos nas gravações, a prosódia da expressão raiva dos participantes T e M.

3.6 RESULTADO GERAL

Como já ressaltado, os dados foram coletados no decorrer das atividades realizadas pelos participantes na oficina “Compreensão e Produção escrita da Língua Portuguesa para surdos”, já que tudo era gravado espontaneamente para que pudéssemos observar a forma natural como realizavam as expressões prosódicas básicas das emoções ao usar a língua, no caso a Libras, em contextos das narrativas, produção de frases, leitura e exposição de contos lidos e produzidos. Contudo, não analisamos todas essas tarefas, pois detectamos as expressões prosódicas faciais dos participantes apenas nas exposições das fábulas “A Cigarra e a Formiga” “Chapeuzinho Vermelho” e “Cinderela”, bem como em uma apresentação de frase, a saber: frase do participante T “*mãe minha triste eu viajar sentir muita saudade eu voltar ficar feliz sempre*”. Pois nos contextos de outras atividades não havia a possibilidade de realizar todas as expressões prosódicas das emoções, tanto que até mesmos nessas últimas não detectamos todas as expressividades prosódicas faciais, tais quais: a emoção tristeza da participante M; de espanto do participante T, bem como de medo e raiva de M e T. Um fator importante nesta análise deve-se ao fato de que dentre as seis expressões básicas propostas para análise (alegria, tristeza, espanto, medo, nojo e raiva) não foram detectadas nas expressões prosódicas dos três participantes a emoção nojo. Isso pode ser esquematizado de forma geral no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Resultado Geral

Emoções básicas	Participantes		
	Surdo R	Surdo M	Surdo T
Alegria	X	X	X
Tristeza	X		X
Espanto	X	X	
Medo	X		
Nojo			
Raiva	X		
Total	5	2	2

FONTE: Cardoso e Cardoso (2018).

O objetivo deste trabalho fora analisar as emoções prosódicas básicas, tais quais citadas acima. Assim, como primeiras considerações podemos afirmar que: ao comparar as realizações das emoções prosódicas dos três participantes, percebemos que as expressões prosódicas foram realizadas em produções diferentes de cada participante, no caso da emoção alegria entre T e R se comparada à aluna M, tristeza entre os participantes R e T, bem como a expressividade espanto entre surdos R e M, uma vez que a emoção alegria fora realizada pelos participantes R e T ao produzir a fábula “A Cigarra e a Formiga” e a participante M no contexto da narrativa “Cinderela”, apesar disso, os mesmos realizaram e adequaram cada expressividade nos devidos contextos em que haviam, por exemplo, situações alegres e tristes, condizentes às emoções prosódicas nos textos.

E ao analisar as gravações das tarefas executadas, observamos que os participantes T e M realizaram somente as emoções prosódicas expostas no Quadro 2, ao passo que o participante R expôs mais emoções prosódicas. Além disso, esse último na maioria das vezes realizava com mais expressividade ou “intensidade” suas emoções como foi o caso das expressões prosódicas das emoções alegria e tristeza se comparado ao surdo T que demonstrou um sorriso sereno e fraco, e as mesmas expressões prosódicas emocionais da participante M com ânimo moderado quando comparada a ambos.

Um fato interessante e novo que detectamos na presente análise deve-se a questão de que muitas vezes os participantes usavam partes do corpo a exemplo dos braços e mãos para acompanhar as suas expressões prosódicas, como uma maneira de reforçar o que queriam expressar. Isso mostra que além da expressão prosódica facial, os surdos recorrem a outros meios (recursos manuais) a fim de complementar o significado de uma mensagem, uma vez que nem sempre conseguem realizar um aspecto separado do outro, pois como afirma Leite (2008 *apud* PIZZIO, REZENDE E QUADROS, 2008), a língua falada tem a tendência de separar a língua das marcações gestuais e entonacionais, mas os usuários das línguas de sinais apresentam dificuldade em separar uma coisa da outra, já que esta incorpora elementos manuais e não manuais de forma intrínseca. Ainda sobre a questão, Barbosa e Madureira (2015, *apud* LIMA E CONSTANTINI, 2017) afirmam que a prosódia apresenta um papel importante na coordenação dos gestos articulatórios no decorrer da realização de um enunciado, pois ela molda a enunciação. Isso confirma a relação entre os aspectos manuais e não manuais na realização de um sinal.

Posto isso, de maneira geral, notamos que na realização das expressões prosódicas alegria e tristeza do participante T quando comparado aos outros dois, R e M, além de apresentar sua expressão prosódica da emoção com menor ânimo, fazia sempre uso do próprio

sinal para expressá-la, nos casos produziu os sinais de “alegria” e “triste”. Por isso, notamos que o mesmo não desenvolvia bem os aspectos não manuais ao expressar as emoções prosódicas, já que não as apresentava naturalmente nas situações comunicativas, se apoiava em outros recursos, tais como os sinais das expressões prosódicas .

Observamos também que embora os participantes tenham adequado as expressões prosódicas faciais às devidas situações de uso, as mesmas foram encontradas apenas numa proporção de R-5, T-2 e M-2 em cada um, apesar de que o participante R tenha realizado 5 expressões prosódicas emocionais se comparado aos demais, o fato nos confirma que os surdos não utilizam na maioria das vezes, mas moderadamente as expressões prosódicas das emoções nas interações comunicativas. Tal questão gera um agravante na comunicação desses sujeitos, pois como vimos, de acordo com os autores: Freitas-Magalhães (2011) citado por Correia (2014); Wilson e Wharton (2006) citado por Bodolay (2009); Queiroz (2011) a prosódia da expressividade da emoção facial é um recurso linguístico muito importante no contexto de comunicação, já que por meio dela conseguimos repassar a mensagem com mais sentido e quando não há a união desses recursos, o enunciado poderá sofrer alteração de compreensão.

Ademais, quanto ao fato das expressões prosódicas emocionais terem apontado uma pequena proporção de uso pelos participantes (principalmente por T e M), existem fatores que explicam isso, é o que aponta Vygotsky citado por Oliveira Silva, *et al* (2015) de que o desempenho das pessoas no bom desenvolvimento ou não da língua, depende de fatores externos. O que como já ressaltado acima, durante o contato com os alunos, ficamos sabendo por meio das visitas domiciliares que os surdos T e M tiveram o contato com a Libras de forma tardia se comparada ao surdo R e com mais frequência na escola de Ensino Médio, já o participante R, desde criança estava imerso no contexto da Libras. No caso do aluno T, a situação é considerada mais delicada, pois como ele é surdo profundo, sua comunicação obrigatoriamente só poderia ocorrer pela sua língua materna, porém como o contato com essa linguagem era mais raro, uma vez que bem sua família não apresentava o mínimo contato com a Libras, o que talvez fora esse o motivo dele apresentar maiores barreiras em ser comunicativo e expressivo durante a oficina, tanto que percebíamos que raramente realizava expressões prosódicas faciais, atribuindo sinais para suas emoções nos momentos de interação comunicativa, diferente do participante R, que se mostrava mais interativo e apresentava a maioria das expressões prosódicas faciais da emoção nos contextos exigidos, já que possuía mais contato com sua língua e desenvoltura social. Isso aponta o quanto que, o maior contato com a língua de sinais faz diferença, assim como a leitura é um importante estímulo na vida

dos surdos, pois quanto mais cedo a aquisição e o estímulo para o uso da língua, maior será seu desempenho pessoal, social e vice versa.

Nesse sentido, de acordo Vygotsky citado por Oliveira Silva *et al* (2015); Ferreira-Brito (1993) *apud* Silva (2010) é preciso considerar que a língua está no contexto social em que a pessoa está inserida, como exemplo, podemos pensar no fato da criança que ao nascer já está inserida num meio falante ou na comunidade surda, possuindo uma língua definida, e se apropriando desse sistema linguístico ao longo do seu desenvolvimento. Desse modo, é na interface da criança com o outro que a linguagem surge, tomando novas formas e se materializando.

Vimos que a Teoria dos Atos de Fala (TAF) de Austin e Searle (1981) defende que um ato ilocucional consiste na ação de dizer um enunciado com certo sentido e referência, acrescido de uma determinada força. Nesse trabalho, os autores realizam uma análise das configurações de diversos atos de fala, sua estrutura e uso, classificando-os. A partir disso, apontaram alguns aspectos linguísticos (ordem das palavras, acento tônico, entonação, pontuação, modo do verbo e verbos performativos) que demarcam a força ilocucional. Além disso, afirmaram que *“frequentemente, nas situações concretas do discurso, é o contexto que permitirá fixar a força ilocucional da enunciação, sem que haja necessidade de recorrer ao marcador explícito apropriado”* (SEARLE, 1981, p. 44). Portanto, nota-se que a prosódia quando atrelada ao contexto de fala ou da interação comunicativa, de fato são essenciais para perceber o sentido completo do enunciado, ao passo que quando não há essa união de tais aspectos linguísticos a mensagem pode sofrer alterações, acabando por ficar sem sentido. Assim como, as expressões não manuais que consistem nos movimentos da face, dos olhos, da cabeça e/ou do tronco são relevantes para a semântica e especialmente para a pragmática, pois são importante na formação do significado e do local referencial (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Desta feita, a partir da análise dos participantes, R, M e T, constatamos que eles fazem uso das expressões prosódicas faciais, mas para um recurso prosódico que deveria ser natural nos seus atos comunicativos, já que é essencial nas línguas de sinais, ainda há um baixo desenvolvimento e impasse pelos surdos no uso das expressividades emocionais, exceto em situações, nas quais os participantes mais desenvolvidos conseguem proferir com frequência as expressões prosódicas. Sendo que fatores externos (pessoais, culturais e sociais) podem interferir no desempenho desse uso, principalmente quando esta comunicação ocorre através de sinais, uma vez exige outras habilidades. É o que afirmam os autores Oliveira Silva

et al (2015), ao explicarem de acordo com as ideias de Vygotsky a influência de fatores externo:

“A influência do meio externo é de suma importância para a aquisição da linguagem e constituição do sujeito, pois determina como este irá aprender as informações e significados do mundo de forma ativa e plena, de modo que este sujeito se torne capaz de dialogar com sua própria subjetividade através de sua aprendizagem e do modo de ver o mundo” (p. 95).

Os estudos aqui desenvolvidos permitem inferir e tecer as seguintes considerações: o uso da língua de sinais, especialmente a língua em foco neste trabalho, a Libras, envolve uma complexidade de fatores internos e externos, tanto que a mesma é um sistema linguístico como todos os outros, em que os fenômenos que envolvem seu uso não são passíveis de serem analisados. Para fazer uso da Libras não necessariamente devemos só saber expressar um sinal ou outro para haver comunicação, mas entender que nos momentos de interação comunicativa é preciso uma junção de fatores linguísticos e contextuais para que um enunciado tenha seu sentido completo e isso já afirmavam Wilson e Wharton (2006) citado por Bodolay (2009) sobre o fato de que a interpretação do enunciado não depende unicamente de fatores linguísticos, mas de uma interação entre os elementos contextuais, daí a importância dos aspectos prosódicos atrelados aos contextos de uso da língua na realização de um sinal ou mais precisamente ao expressar emoções. Diante disso, notamos a importância da relação prosódia/pragmática (contexto) nos atos comunicativos, uma vez que para expressar as emoções prosódicas, o usuário precisa ter conhecimento tanto do sinal (significante) da emoção, quanto da expressão prosódica que indica o sinal, tudo isso no contexto devido de realização da expressividade emocional.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, ressaltamos as expressões prosódicas faciais das emoções básicas dos surdos, ponderando a interface prosódia/pragmática. Particularmente, nos propomos a identificar a prosódia visual das seis emoções (alegria, medo, nojo, espanto, raiva e tristeza). Adicionalmente, investigamos sobre o aspecto prosódico da expressividade da emoção na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Diante disso, queríamos saber como ocorre o processamento prosódico visual das emoções prosódicas básicas dos surdos em interações sociais comunicativas? Pressupomos que os indivíduos surdos encontrariam barreiras para expressarem tais emoções, devido ao convívio em ambiente ouvinte. De fato, percebemos que os surdos fazem uso das expressões prosódicas faciais das emoções (alegria, medo, nojo, espanto, raiva e tristeza) nas interações sociais, porém muitas vezes às realizam com mínima expressividade, além disso, não detectamos todas as expressões, somente 5 (alegria, tristeza, medo, espanto e raiva) de 6 expressões propostas para análise, numa proporção de R-5, T-2 e M-2.

Como vimos, nos casos em que os participantes não conseguiram apresentar um bom desempenho na realização de expressões prosódicas faciais devem-se a fatores externos, a exemplo do ambiente familiar, aquisição da língua, dentre outros. Comparando esse fato, Correia (2014), ressalta que fatores externos podem influenciar na determinação de expressões emocionais nos sujeitos que apresentam necessidades educacionais especiais, o Autismo. Em suas investigações salienta que ao longo do tempo as investigações apontam para a possibilidade dos déficits de percepção da emoção nos indivíduos com tais necessidades não estarem necessariamente limitados à face como também a outros sinais emocionais abundantes nos ambientes sociais. Os impasses evidenciados no processamento facial e as limitações interpessoais provocam assim uma compreensão debilitada das intenções, emoções e pensamentos dos outros (TRACY & ROBINS, 2008, *apud* CORREIA, 2014).

Posto isso, podemos considerar que os estudos prosódicos e pragmáticos contribuem para verificar fenômenos de ocorrência tanto da Língua Portuguesa, quanto da Libras, tais quais o uso das expressões prosódicas faciais nos contextos devidos, por isso é um campo de estudo que merece ser mais aprofundado. Apesar de encontrarmos dados como os já citados acima, pensamos que essa pesquisa também precisa ter uma análise mais aperfeiçoada, o que talvez com uma análise futura e mais minuciosa poderíamos encontrar novos resultados. Por exemplo, seria interessante se os surdos fossem solicitados a apresentar narrativas em

contextos espontâneos que obrigatoriamente houvesse a realização de variadas expressões prosódicas, a fim de detectar de fato se detém ou não conhecimento dessas expressões ou se são familiarizadas com tal recurso prosódico. Além disso, uma coleta de dados com maior número de participantes seria viável, para verificar se a maioria dos mesmos usa com frequência as expressões prosódicas das emoções, já que nesta pesquisa tivemos dificuldades de encontrar um maior público, uma vez que nas escolas da rede estadual do município eram poucos os alunos matriculados.

Contudo, atualmente conforme Correia (2014), não se sabe ao certo o porquê destes déficits estarem presentes nas pessoas com necessidades especiais, já que por um lado o baixo interesse para as faces dificulta a especialização das áreas cerebrais implicadas no reconhecimento das expressões faciais, por outro, a diminuição das trocas e interações sociais dificulta a atribuição de valor social aos estímulos faciais. Desse modo, assim como os déficits no reconhecimento da expressão facial da emoção evidenciados por estes indivíduos ainda não são claros, apesar de haver vários artigos publicados sobre a temática, com os surdos ocorre o mesmo, não podemos afirmar quais os reais motivos para o baixo desenvolvimento de uso das expressividades emocionais nesses sujeitos.

Por fim, é importante destacar que o estudo sobre o processamento da prosódia visual pode fornecer informações sobre a capacidade inata do ser humano na interação verbal, que como vimos nesta análise, os participantes apresentavam a percepção de que era necessário fazer uso das expressões prosódicas para transmitir uma boa mensagem, no entanto ainda sentiam resistência para expressá-las naturalmente (recursos de sua língua, uso de expressões prosódicas) já que precisavam (em alguns casos) também de um apoio externo (produção de sinais) para o desenvolvimento de suas habilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BODOLAY, Adriana Nascimento. **Pragmática da Entonação: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no português**. 303 f. Tese de Doutorado/ Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais - BH, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal – Artigo 208**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf> Acessado em: 12/04/18.

_____. *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília - DF, 2002.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN +)**. Linguagens, Códigos e suas tecnologias. MEC. Brasília, 2006.

CARVALHO, Maria Francisca. **O processamento prosódico gráfico na leitura silenciosa de sentenças ambíguas temporárias por surdos congênitos profundos bilaterais bilíngues libras/português**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

CARVALHO, M. F.; CARDOSO, E. C. e. RODRIGUES, A. P. **Leitura Silenciosa do Português escrito para surdos**. Projeto de extensão universitária. Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Abaetetuba. Abaetetuba/PA, 2017.

CORREIA, Ana Sofia G. **A competência no reconhecimento da expressão facial da emoção: Estudo empírico com crianças e jovens com Perturbação do Espectro do Autismo**. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2014.

COSTA-VIEIRA, H. A; SOUZA, W. Cristina de. **O reconhecimento de expressões faciais e prosódia emocional: Investigação preliminar em uma amostra brasileira jovem**. Estudos de Psicologia, 19(2), 89-156. Universidade de Brasília, abril a junho/2014. Disponível: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&tlng=pt&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br was not found on this server. Acessado em: 05/04/18.

EKMAN, P.; FRIESSEN, W. V.; HAGER, J. C. **Facial Action Coding System - Investigator's Guide**. 2ª. ed. Research Nexus. Salt Lake City, 2002.

FAUSTINO, J. S. F. **Faces: Expressão de Emoções em Humanos Virtuais**. Relatório de Projeto. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. F. **Integração social & educação de surdos**. Babel. Rio de Janeiro, 1993.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. **Estudos Surdos IV**. Arara Azul. Petrópolis, 2009.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Artmed, Porto Alegre, 2004.

PIZZIO, A. L. QUADROS, R. M. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

QUEIROZ, H. S. **A contribuição da prosódia e da qualidade de voz na expressão de atitudes do locutor em atos de fala diretivos**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

RAQUEL Meister Ko. FREITAG, Luciana Lucente (orgs.). *Prosódia da fala: pesquisa e ensino*. Edgard Blücher. São Paulo, 2017.

___ LIMA, Aveliny M.; CONSTANTINI, Ana Carolina. **Prosódia e fonoaudiologia: do fonostilo ao transtorno da linguagem**. Universidade de Brasília- Unicamp.

SÁ. P. C. F. **Análise prosódicas de enunciados assertivos e interrogativos totais no espanhol de Montevidéu**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL. Tr 2013. Tese (Doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (Língua Espanhola), 2013.

SCHAFER, A.J. **Prosodic parsing: the role of prosody in sentence comprehension**. University of Massachusetts Amherst. 1997.

SEARLE, John. R. **Os Actos de Fala**. Almedina. Coimbra, 1981.

SILVA, L. O; SILVA, W.C. da; MELO, L. G. de. **Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais – Libras**. INCISOH/CEIVA. Humanidades, v.4, n.1, fev. 2015.

Disponível: www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a38.pdf + &cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br was not found on this server. Acessado em: 11/04/18.

WILSON, Deirdree, WHARTON, Tim. **Relevance and prosody**. In: Journal of pragmatics. 38. Issue 10. p 1559-1579.

Complementares:

LOBATO, M. **A cigarra e a formiga (a formiga boa)**. Do livro Fábulas, 1994. Disponível: <http://luciajardimdasletras.blogspot.com/2010/08/cigarra-e-formiga-formiga-boa-monteiro.html>. Acessado em: 20/05/18.

CIPIS, M. **Se um gato for**. Global. São Paulo, 2009.

Chapeuzinho Vermelho e Cinderela/ Contos dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Disponível: www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=1.com.br/verconto.php%3Fcodigo%3D1+%&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br was. Acessado em: 20/05/18.

GOLTCHER, D. **O menino monossilábico**. Girafinha. São Paulo, 2006.

SILVA, FL. L. E. **Com certeza, muitas dúvidas**. Jorge Zahar E. Rio de Janeiro, 2004.

ANEXO

ANEXO A - SOLICITAÇÃO DE APOIO DA ESCOLA

Título do Projeto: “A interface Prosódia/Pragmática nas expressões faciais das emoções dos surdos”

Prezado(a) Sr.(a) Diretor(a),

Solicitamos a participação da Escola _____ (nome da instituição) em uma pesquisa científica realizada pela aluna Edinalva Cardoso e Cardoso, sob a responsabilidade da pesquisadora da Professora Doutora Francisca Maria Carvalho vinculada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de graduação de Letras Língua Portuguesa. Caso decida permitir a participação da escola, é importante que leia algumas informações sobre o estudo e sobre o papel do sujeito surdo nesta pesquisa. A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento. A saída do estudo não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição. A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza as tendências de usos de expressões prosódicas faciais da emoção nos atos comunicativos dos surdos e trazer resultados satisfatórios para contribuir para a Língua de Sinais – Libras, no que diz respeito os aspectos prosódicos/pragmáticos. Em seguida, os dados serão analisados para que neles possam ser verificados aspectos prosódicos durante os atos comunicativos dos alunos. A seção dura aproximadamente 15 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com a velocidade individual. Alertamos que o aluno poderá se sentir incomodado e constrangido para responder o questionário escrito e oral, respectivamente. Destacamos que acompanharemos o participante do início ao fim do teste para prestar-lhe apoio em qualquer situação adversa. Os pais ou responsáveis poderão estar presentes durante as sessões. Após o preenchimento do texto, o teste será corrigido e os dados serão analisados. O material será mantido sob guarda pela pesquisadora graduanda, Edinalva Cardoso e Cardoso, com cópia para a orientadora Professora Doutora Francisca Maria Carvalho, pelo prazo de cinco anos. Os dados coletados serão utilizados para a presente pesquisa e poderão ser utilizados pela graduanda ou pela orientadora, em pesquisas futuras. Neste caso, haverá novo consentimento informado a ser assinado pelos pais ou responsáveis e o novo projeto será submetido à aprovação do COEP (Comitê de Ética em Pesquisa). Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo, agora ou a qualquer momento. Caso você tenha mais perguntas sobre este trabalho, favor ligar para o número abaixo. Agradeço antecipadamente.

Graduanda: Edinalva Cardoso e Cardoso
Graduação em Letras – Língua Portuguesa
Universidade Federal do Pará
E-mail: edinalvacardoso0113@gmail.com
Telefone: (091) 99216-0054; (091) 98288-3662
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Francisca Maria Carvalho
Faculdade de Letras – UFPA
E-mail: fmc@ufpa.br
Telefone: (091) 99171-1408

ANEXO B- RECRUTAMENTO

TÍTULO DO TRABALHO: “A interface Prosódia/Pragmática nas expressões faciais das emoções dos surdos”

Docente: Professora Dra. FRANCISCA MARIA CARVALHO

Discente: EDINALVA CARDOSO E CARDOSO

A pesquisa terá a participação de 03 (três) alunos surdos do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino da Escola _____ . Os participantes serão recrutados por meio da Direção da referida escola quando serão explicados os objetivos da pesquisa, metodologia, os riscos e benefícios. Após consentimento da instituição, entregaremos um documento por escrito ao setor responsável, solicitando autorização para realização do experimento. Em seguida, entraremos em contato com os participantes, explicando-lhes, também os objetivos da pesquisa, a metodologia, os riscos e benefícios, de forma a convidá-los para participarem da pesquisa. Após aceite do participante, aplicaremos os experimento em sala adequada fornecida pela instituição.

Assinatura da Pesquisadora Graduanda Responsável

Assinatura da Pesquisadora Orientadora Responsável

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Trabalho: **“A interface Prosódia/Pragmática nas expressões faciais das emoções dos surdos”**

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

Eu, _____
(nome completo), concordo em participar da pesquisa científica realizada pela aluna Edinalva Cardoso e Cardoso, sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dr^a. Francisca Maria Carvalho, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará como requisito básico para obtenção do Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Língua Portuguesa, turma de 2014. A participação na pesquisa não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, caso eu julgue necessário. A saída do estudo não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição. A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza as tendências de usos de expressões prosódicas faciais da emoção nos atos comunicativos dos surdos e trazer resultados satisfatórios para contribuir para a Língua de Sinais - Libras. Entendi que estarei sendo gravado durante as tarefas para coleta de dados. Em seguida, essa coleta será analisada para que nela possam ser verificadas aspectos faciais prosódicos durante meu atos comunicativos. Tenho consciência, a seção durará aproximadamente 15 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com sua velocidade individual. Sei que posso me sentir incomodado e constrangido no momento das gravações. Mas de acordo com a pesquisadora, serei acompanhado do início ao fim do teste para prestar-me apoio em qualquer situação adversa. Estou ciente de que o fato de o teste ser realizado, preferencialmente, nas dependências do Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará/ Campus Abaetetuba, a fim de melhor garantir a qualidade dos dados coletados, facilitando, assim, análise posterior. Por qualquer motivo poderei solicitar que as tarefas sejam interrompidas. Após o teste, os dados serão utilizados para a presente pesquisa e poderão ser utilizados pela graduanda ou pela orientadora, em pesquisas futuras. Neste caso, haverá novo consentimento informado a ser assinado por mim e o novo projeto será submetido oportunamente à aprovação do COEP (Comitê de Ética e Pesquisa). A participação na pesquisa não me acarretará gasto, sendo totalmente gratuita. Não serei identificado individualmente quando o material coletado for utilizado na pesquisa, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. No entanto, algumas informações obtidas a partir da participação neste estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. As informações que podem ser utilizadas dizem respeito a minha idade, sexo e grau de instrução. Além dos estudiosos que realizarão a pesquisa, agências governamentais locais e o Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde o estudo está sendo realizado podem precisar consultar os registros. Ao assinar este consentimento, autorizo o acesso aos registros nestas condições. Receberei uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora, do orientador e da instituição, podendo tirar minhas dúvidas sobre o estudo, agora ou a qualquer momento, pelos números abaixo.

Graduanda: Edinalva Cardoso e Cardoso
 Graduação em Letras – Língua Portuguesa
 Universidade Federal do Pará
 E-mail: edinalvacardoso0113@gmail.com
 Telefone: (091) 99216-0054; (091) 98288-3662
 Orientadora: Prof^a. Dr^a Francisca Maria Carvalho
 Faculdade de Letras – UFPA

E-mail: fmc@ufpa.br

Telefone: (091) 99171-1408

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: 3201-7735 E-mail: cepcs@ufpa.br

Declaração de consentimento

Eu, _____ (nome completo em letra de forma), declaro que li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informado sobre os métodos do estudo a ser realizado, as inconveniências, riscos, benefícios e eventos adversos que podem vir a ocorrer em consequência dos procedimentos.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo, ainda, que sou livre para me retirar deste estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Assinatura do participante

Local _____ Data: _____

Atesto que expliquei, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Acredito que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

Assinatura da pesquisadora (Graduanda) Data / /

Assinatura da pesquisadora (Orientadora) Data / /

ANEXO D - QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL DOS PARTICIPANTES

DADOS PESSOAIS:

1. Nome Completo: _____

2. Data de nascimento ____/____/____

3. Sexo: a) masculino b) feminino.

4. Estado Civil:

a) Solteiro(a). b) Divorciado(a). c) Viúvo(a).

d) Casado(a). e) Separado(a)

5. Nome dos pais:

Mãe: _____ Idade: _____

Pai: _____ Idade: _____

ENDEREÇO E CONTATOS:

6. Endereço: _____ n°: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ Estado: _____

7. Telefone: _____ CEL: _____

8. E-mail: _____

DADOS ESCOLARES:

9. Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental: ano _____

Ensino Médio: a) 1º ano b) 2º ano c) 3º ano

10. Qual turno em que você estuda:

a) manhã b) Tarde c) Noite

DADOS SOBRE DEFICIÊNCIA AUDITIVA e COMUNICAÇÃO:

11. Nível de deficiência:

a) parcial b) total

12. Você se comunica em Casa em LIBRAS:

a) SIM b) NÃO

13. Você faz leitura labial?

a) SIM b) NÃO

14. Você faz contato com outros usuários de LIBRAS?

a) SIM b) NÃO

Se SIM em que outros lugares além de sua casa e escola: _____

ANEXO E - FÁBULAS INTERPRETADAS PELOS PARTICIPANTES

1. A cigarra e a formiga (A formiga boa)

(conto do livro Fábulas, Monteiro Lobato).

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas, Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu... A formiga olhou-a de alto a baixo assustada.

- E que fez durante o bom tempo que não construí a sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

- Eu cantava, bem sabe...

- Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas? - Isso mesmo, era eu...

Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

2. Chapeuzinho Vermelho

(conto de fadas dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm)

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa. Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina. Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”. Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata. De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha: — Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe. — Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta! — Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geléia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geléia. Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores. A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pêlo escuro e olhos brilhantes. Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.

— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma idéia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três, e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geléia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre vovozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho. A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o vôo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do

campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha. Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geléia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

— Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta.

O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

Coloque as broinhas, a geléia e a manteiga no armário, minha querida netinha, e venha aqui até a minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho. Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.” Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão! O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cabritinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”. Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido. Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... Faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim. O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece! Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro

da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito. Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram. Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago.

Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego. O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu — caminho”.

3. Cinderela

(conto de fadas dos Irmãos Grimm)

Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor:

- Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti. E dito isto, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada da Europa cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo. Mal se cruzou com elas a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:

- O que é que esta moleca faz aqui? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!!!
E a madrasta acrescentou:

- Têm razão, filhas. Ela será nossa empregada e terá que ganhar o pão com o seu trabalho diário. Tiraram-lhe os seus lindos vestidos, vestiram-lhe um vestido muito velho e deram-lhe tamancos de madeira para calçar.

- E agora já para a cozinha! - disseram elas, rindo.

E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente, desde que o sol nascia até altas horas da noite: ia buscar água ao poço, acendia a lareira, cozinhava, lavava a roupa, costurava, esfregava o chão...

À noite, extenuada de trabalho, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da lareira, junto ao borralho (cinzas), razão pela qual puseram-lhe o apelido de Gata Borralheira. Os dias se passavam e a sorte da menina não se alterava. Pelo contrário, as exigências da madrasta e das suas filhas eram cada vez maiores.

Um dia, o pai ia para a cidade e perguntou às duas enteadas o que queriam que ele lhes trouxesse.

- Lindos vestidos - disse uma.

- Jóias - disse a outra.

- E tu, filhinha, Gata Borralheira, o que queres? - perguntou-lhe o pai.

- Um ramo verde da primeira árvore que encontrares no caminho de volta. Terminada a compra, ele comprou os vestidos para as enteadas e as jóias que tinham pedido e no caminho de regresso cortou para a filha um ramo da primeira árvore que encontrou de uma Oliveira.

Ao chegar em casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e entregou à filha um galho de oliveira, árvore que produz azitonas. Ela correu para junto do túmulo da mãe, enterrou o ramo na terra e chorou tanto que as lágrimas o regaram. Começou a crescer e tornou-se uma bela árvore. A menina continuou a visitar o túmulo da mãe todos os dias e certa vez ouviu uma bonita pomba branca dizer-lhe:

- Não chores mais, minha querida. Lembra-te que, a partir de agora, cumprirei todos os teus desejos. Pouco depois o rei anunciou a todo o reino que ia dar uma festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as jovens que queriam casar-se, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa. Imediatamente as duas filhas da madrasta chamaram a Gata Borralheira e disseram-lhe:

- Penteia-nos e veste-nos, pois temos que ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa.

A Gata Borralheira obedeceu humildemente. Mas quando viu as duas luxuosamente vestidas, desatou a chorar e suplicou à madrasta que também a deixasse ir ao baile.

- Ao baile, tu??? - respondeu ela - Já te olhaste ao espelho?

A madrasta, face à insistência da Gata Borralheira, acrescentou, ao mesmo tempo que atirava um pote de lentilhas para as cinzas:

- Está bem! Se separares as lentilhas em duas horas, irás conosco.

A menina saiu para o jardim a chorar e lembrando-se do que a pomba lhe tinha dito, expressou o seu primeiro desejo:

- Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato, e os maus no papo.

Dois pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha, e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas. Entusiasmada, a menina foi mostrar à madrasta o prato com as lentilhas escolhidas.

- Muito bem. - disse a madrasta, com ironia - Mas que vestido vais usar? E além disso, tu não sabes, dançar. Será melhor ficares em casa. Desconsolada, a Gata Borralheira começou a chorar, ajoelhou-se aos pés da madrasta e voltou a suplicar-lhe que a deixasse ir ao baile.

- Está bem. - disse ela com cinismo - Dou-te outra oportunidade. E voltou a espalhar dois potes de lentilhas sobre as cinzas. - Se conseguires escolher as lentilhas numa hora, irás ao baile. A doce menina saiu a correr para o jardim e gritou:

- Dóceis pombinhos, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato, e os ruins no papo.

De novo, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas e um bando de passarinhos, e pic-pic-pic escolheram-nas e voaram para sair por onde entraram. A menina logo correu e mostrou à madrasta as lentilhas escolhidas, mas de nada lhe serviu.

- Deixa-me em paz com as tuas lentilhas! Vais ficar em casa e pronto! Ponto final! E cest fini. pronuncia-se: Cé finí).

Virou-lhe as costas e chamou as filhas. Quando já não havia ninguém em casa, a Gata Borralheira foi junto ao túmulo da mãe, debaixo da oliveira, e gritou:

- Árvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para eu me vestir. A pomba que lhe tinha oferecido ajuda, apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e os seus tamancos em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata. Quando entrou no salão de baile, todos os presentes se admiraram perante tamanha beleza. Mas as mais surpreendidas foram as duas filhas da madrasta que estavam convencidas que seriam as mais belas da festa. Porém, nem elas, nem a madrasta ou o pai reconheceram a Gata Borralheira. O príncipe ficou fascinado ao vê-la. Tomou-a pela mão e os dois começaram o baile. Durante toda a noite esteve ao seu lado e não permitiu que mais ninguém dançasse com ela.

Chegado o momento de se despedirem, o príncipe ofereceu-se para acompanhá-la, pois ardia de desejo por saber quem era aquela jovem e onde morava. Mas ela deu uma

desculpa para se retirar por momentos e aproveitou para abandonar o palácio a correr e deixar em baixo de uma árvore o seu formoso vestido e os sapatos. A pomba, que estava à sua espera, pegou neles com as suas patinhas e desapareceu na escuridão da noite. Ela vestiu o vestido cinzento, o avental e os tamancos e, como de costume, deitou-se junto à chaminé e adormeceu. No dia seguinte, quando se aproximou a hora do início do segundo baile, esperou até ouvir partir a carruagem e correu para junto da árvore:

- Árvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E de novo apareceu a pomba e a vestiu com um vestido ainda mais lindo que o da noite anterior e calçou-lhe uns sapatos que pareciam de ouro puro. A sua aparição no palácio causou sensação maior ainda do que da primeira vez. O próprio príncipe, que a esperava impaciente, sentiu-se ainda mais deslumbrado. Pegou-lhe na mão e, de novo, dançou com ela toda a noite. Ao chegar a hora da despedida, o príncipe voltou a oferecer-se para acompanhá-la, mas ela insistiu que preferia voltar sozinha para casa. Mas desta vez o príncipe seguiu-a. De repente, parecia que tinha sido engolida pelo chão. Em vez de entrar em casa, a jovem Gata Borracheira, de vergonha, escondeu-se atrás de uma frondosa oliveira que havia no jardim. O príncipe continuou a procurá-la pelas redondezas, até que decepcionado regressou ao palácio.

A Gata Borracheira abandonou então o seu esconderijo, e quando a madrasta e as filhas chegaram ela já tinha tirado as vestes faustosas (bonitas) e posto os seus trapos velhos. No terceiro dia, quando o pai fustigou o cavalo e a carruagem se afastou com a sua esposa e filhas, a menina aproximou-se de novo da árvore e disse:

- Árvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E a pomba, uma vez mais, trouxe-lhe um vestido de sonho, de seda com aplicações de suntuoso chale e uns sapatos bordados a ouro para os seus pequeninos e delicados pés. E depois, colocou-lhe sobre os ombros uma capa de veludo dourado. Quando entrou no salão de baile, a belíssima Gata Borracheira foi recebida com uma exclamação de assombro por parte de todos os presentes. O príncipe apressou-se a beijar-lhe a mão e a abrir o baile, não se separando dela toda a noite. Pouco antes da meia-noite, a jovem despediu-se do príncipe e pôs-se a correr. O príncipe não conseguiu alcançá-la mas encontrou na escadaria uns sapatinhos dourados que ela tinha perdido durante a sua precipitada fuga. Apanhou-o e apertou-o contra o coração.

Na manhã seguinte, mandou os seus mensageiros difundirem por todo o reino que se casaria com aquela que conseguisse calçar o precioso sapato. Depois de todas as princesas, duquesas e condessas o terem inutilmente experimentado, ordenou aos seus emissários que o sapato fosse provado por todas as jovens, qualquer que fosse a sua condição social e financeira. Quando chegaram à casa onde vivia a Gata Borracheira, a irmã mais velha insistiu que devia ser ela a primeira a experimentar e, acompanhada pela mãe que já a imaginava rainha, subiu ao quarto, convencida que lhe servia. Mas o seu pé era demasiado grande. Então a mãe, furiosa, obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais. A jovem disfarçou a dor que sentia e subiu para a carruagem, apresentando-se diante do filho do rei. Embora ele tenha notado de imediato que aquela não era a bela desconhecida que conhecera no baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e foram juntos dar um passeio. Mas, ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre os seus ramos duas pombas brancas que o advertiram:

- Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado. Voltou à casa e ordenou que a outra irmã experimentasse o sapato. A irmã mais nova subiu ao quarto, acompanhada da mãe, e tentou calçá-lo. Mas o seu pé também era demasiado grande. E a mãe obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais. A filha obedeceu, enfiou o pé no sapato e, dissimulando a dor, apresentou-se ao príncipe que, apesar de ver que ela não era a bela desconhecida do baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e levou-a a passear pelo mesmo sítio onde levara a sua irmã. Ao passar diante da árvore onde estavam as duas pombas, ouviu-as de novo adverti-lo: - Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe tirou-lhe o sapato e ao ver que tinha o pé ainda mais inchado que a irmã, percebeu que também ela o tinha enganado.

- Aqui vos trago esta impostora. E dai graças a Deus por não ordenar que sejam castigadas. Mas se ainda tendes outra filha, estou disposto a dar-vos nova oportunidade e eu mesmo lhe calçarei o sapato. - Não. Não temos mais filhas - disse a madrasta. Mas o pai acrescentou:

- Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento, a qual vive conosco. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Gata Borracheira.

- As minhas ordens dizem que todas as jovens sem exceção devem experimentar o sapato. Tragam-na à minha presença. Eu mesmo lho calçarei. A Gata Borracheira tirou um dos pesados tamancos e calçou o sapato sem o menor esforço. Coube-lhe perfeitamente. O príncipe, maravilhado, olhou bem para ela e reconheceu-a formosa donzela com quem tinha dançado.

- A minha amada desconhecida! - exclamou ele - Só tu serás minha dona e senhora.

O príncipe, radiante de felicidade, sentou-a ao seu lado no cavalo e tomou o mesmo caminho por onde tinha ido com as duas impostoras. Pouco depois, ao aproximar-se da árvore onde estavam as pombas, ouviu-as dizer:

- Continua, Príncipe, a tua cavalgada, pois a dona do sapato já foi encontrada.

As pombas pousaram sobre os ombros da jovem e os seus farrapos transformaram-se no deslumbrante vestido que ela tinha levado ao último baile. Chegaram ao palácio e de imediato foi celebrado o casamento. Quando os habitantes do reino souberam da forma como o amado e desnaturado pai, a madrasta e as duas filhas tinham tratado aquela que agora era a sua adorada princesa, começaram a desprezá-los de tal modo que eles tiveram que abandonar o país. A princesa, fiel à promessa feita à mãe, continuou a ser piedosa e bondosa como sempre e continuou a visitar o seu túmulo e a orar debaixo da árvore, testemunha de tantas dores e alegrias.